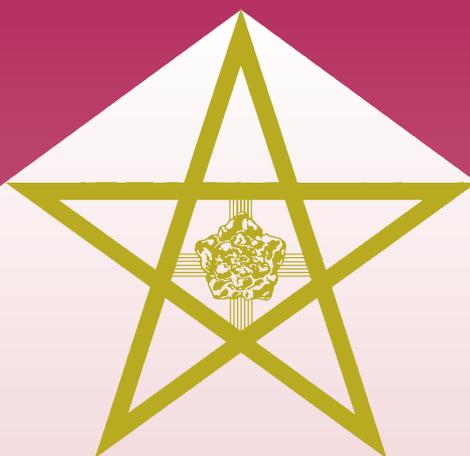


PENTAGRAMA

2003 NÚMERO 3

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



A SABEDORIA É A VERDADE VIVIDA

RETORNO AO NÚCLEO ESPIRITUAL

A VOZ DA ETERNIDADE RESSOA NO SILÊNCIO

“Ó MEU CORAÇÃO, MORRE OU CANTA”

O SEGREDO DO SOL

A ROSA DO CORAÇÃO ESTÁ DESPERTA

SOHRAVARDÍ E O CAMINHO DA ILUMINAÇÃO

“A VIA SECRETA PARA O INTERIOR”

A RADIOATIVIDADE: BÊNÇÃO OU PERIGO MORTAL?

PENTAGRAMA

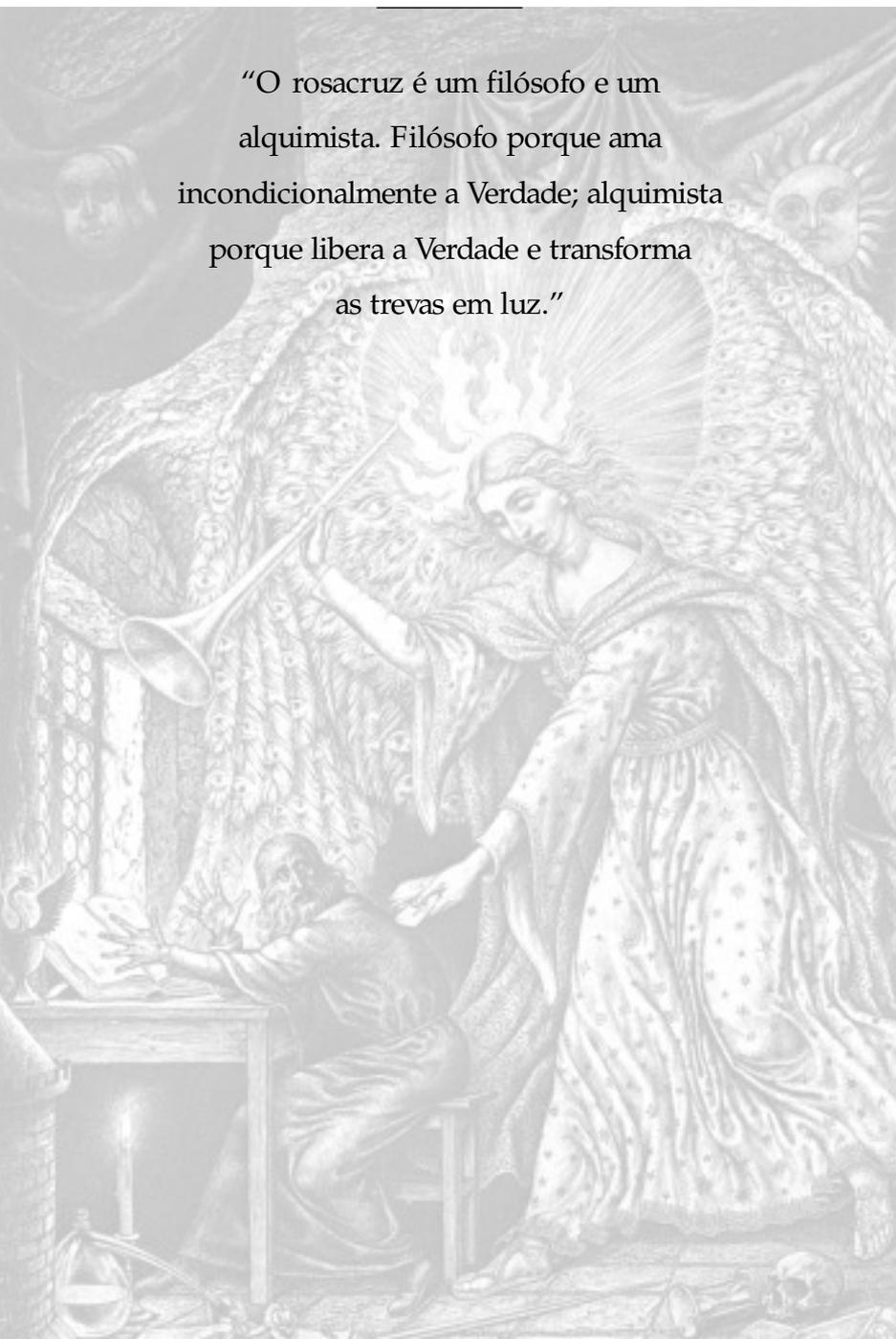
A SABEDORIA É A VERDADE VIVIDA

“O rosacruz é um filósofo e um alquimista. Filósofo porque ama incondicionalmente a Verdade; alquimista porque libera a Verdade e transforma as trevas em luz.”

ÍNDICE

- 2 A SABEDORIA É A VERDADE VIVIDA
- 8 RETORNO AO NÚCLEO ESPIRITUAL
- 12 A VOZ DA ETERNIDADE RESSOA NO SILÊNCIO
- 15 “Ó MEU CORAÇÃO, MORRE OU CANTA”
- 18 O SEGREDO DO SOL
- 24 A ROSA DO CORAÇÃO ESTÁ DESPERTA
- 27 SOHRAVARDÍ E O CAMINHO DA ILUMINAÇÃO
- 34 “A VIA SECRETA PARA O INTERIOR”
- 40 A RADIOATIVIDADE: BENÇÃO OU PERIGO MORTAL?

ANO 25
NÚMERO 3



A SABEDORIA É A VERDADE VIVIDA

“Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus? E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.” (Mateus, 18:1-4)

Há duas missões a serem realizadas: em primeiro lugar, se converter, depois voltar-se, e somente então *se tornar como as criancinhas*. Tornar-se uma criança remete à pergunta de saber o que quer dizer *tornar-se um adulto*. Afinal, Jesus se dirige a adultos. Será que são pessoas realizadas? Será que isso corresponde a uma idade precisa, a uma posição social? Decerto não. Jesus tem outra coisa em mente. Quando nos tornamos verdadeiramente *adultos*? Quando terminamos de nos desenvolver segundo a natureza, quando findou a viagem através da matéria, de encarnação em encarnação, quando, no final de todas essas experiências, nos dizemos: *Estou saturado, não preciso ver mais nada, porque não há mais nada para ser visto*. Quando, do mais profundo de nosso coração, sentimos que não somos um filho da terra, mas um filho de essência divina. Um filho da eternidade. Ser adulto é chegar à consciência de que o ser interior é um filho de

Deus. Ser adulto é se converter, se voltar para o interior, se voltar para tornar a ser um filho de Deus.

Em primeiro lugar, é preciso voltar-se para o interior. E não podemos fazer essa conversão senão quando nos tornamos verdadeiramente adultos, quando nossa viagem terrestre finda e chegamos no fim, na fronteira, quando nos tornamos um habitante do limite, um cidadão de Éfeso. No livro *A Gnosis em sua atual manifestação**, J. van Rijckenborgh diz que Éfeso é uma cidade que se encontra no limite. Um efésio habita no limite. Ele bebeu até a última gota a taça agridoce da existência terrena e está pronto para se voltar. No Apocalipse, é dito ao anjo da igreja de Éfeso: *lembra-te de onde caíste, arrepende-te e pratica tuas primeiras obras*.

OFERTAR-SE À ETERNIDADE

Quem se torna *adulto* pode voltar-se para a Luz. Ser adulto significa primeiro saber que a mônada é o filho da Luz e que essa concepção encerra a chave da libertação. É entregar-se ao filho da eternidade que está em nós. Ser uma criança significa ter confiança, viver se entregando e alimentando um profundo anseio. Confiança e entrega ao dispensador da vida, e como diz Pedro em sua primeira epístola (2,2): *desejai o puro leite espiritual*. Trata-se de confiar na base original divina, no verdadeiro doador de vida. Significa entregar-se a esse fundamento do Todo que penetra e carrega tu-



do. Para isso, é preciso uma aspiração irreversível pela Verdade, pelo “leite puro”. Essa é a assinatura da filiação divina.

Aquele que, depois de ciclos e ciclos de existência, se tornou adulto, se tornou, portanto, um filósofo, um alquimista. Como a criança que quer

beber o leite puro, ele aspira à Verdade, a única verdade divina. Filósofo significa: aquele que ama a sabedoria. O verdadeiro filósofo ama a Verdade e a Sabedoria. Sem a Verdade, a vida é vazia para ele. Somente a Verdade é libertadora. Mas o que é a Verdade? Seu sentido usual não é filosófico.

Perdido em seus pensamentos. James Whistler, 1859.



Não é nem um conceito, nem um dogma, nem uma teoria. A Verdade é “Força”. É a força divina. A Verdade é a Luz, na origem de tudo, em tudo e através de tudo. A Verdade é, sob qualquer forma ou não forma, tudo o que é Luz. A Luz é a energia universal divina. Tudo o que é visível ou invisível é constituído de energia cósmica. O mundo material é constituído de energia universal materializada. O mundo físico, o homem material e tudo que corresponde a ele são ener-

gia cristalizada. Podemos dizer que a quintessência de toda e qualquer coisa é energia, Luz. A verdade é: Deus é Luz. Fora de Deus não há nada porque Deus é o infinito, a onipresença.

TRANSFORMAR AS TREVAS EM LUZ

O rosacruz é um filósofo e um alquimista: filósofo em virtude de seu amor imperecível à Verdade; alquimista porque liberta a Verdade e transmuta as trevas em luz. A Sabedoria é, portanto, a verdade vivida. A Sabedoria é viver diariamente a Verdade, comprovando-a mediante atitude de vida. Isso é converter-se e voltar-se. Por isso é dito: *Arrepende-te e pratica as primeiras obras*.

O fruto da sabedoria é a alquimia. O fruto da verdade vivida é a transmutação, a transformação da totalidade do ser até o sangue, até a menor célula corporal. Assim, há três coisas: a Verdade, a Sabedoria e a Alquimia. Essa é a via do pesquisador da verdade íntegro e a marca da filiação divina. A verdade é: Deus é Luz, tudo é Luz. A Sabedoria é: realizar essa verdade na vida cotidiana. A Alquimia é: o efeito da única sabedoria no seu próprio ser e no mundo circundante; reconduzir a energia prisioneira do mundo tridimensional para seu estado original.

A aspiração pela verdade vem antes de tudo. Ela abre a porta. A Verdade faz da vida sabedoria, e o resultado dessa vida é alquimia. Aquele que assim vive na sabedoria é uma benção para si mesmo e para os outros. Ele liga o outro à filiação divina sem que sua própria vontade interfira. Aqueles que aspiram à verdade estimulam-se mutuamente a servir de exemplo para

outrem. No entanto, isso pode acabar mal. Mostrar o exemplo sem o querer ser é bom. Porém, querer ser um exemplo sem sê-lo verdadeiramente induz ao erro, tanto a si mesmo como aos outros. A personalidade pretende ser um exemplo, reivindica-o e diz para si mesma: *É preciso que eu seja um exemplo. Quero ser uma pessoa ideal e todo mundo deve saber. É meu dever.* O grande perigo nessa história é que o eu comece a desempenhar um “novo” papel, porém são muitos os que hoje, sobretudo entre os jovens, percebem isso claramente. Eles são hábeis em discernir o que é autêntico e o que não é. Eles percebem que tal ou tal pessoa exemplar é falsa, que ela representa um papel e violenta a verdade. Um verdadeiro exemplo não provém da personalidade. Aquele que se tornou “adulto”, no sentido descrito aqui, que compreendeu a filiação divina, só sujeita sua vida à imagem perfeita no seu coração. Diretamente do interior provém o exemplo. A imagem espiritual original é de onde surge o exemplo.

CONHECIMENTO DE PRIMEIRA OU DE SEGUNDA MÃO?

Assim, a sabedoria é a verdade vivida. Seguir regras e adotar uma linha de conduta é totalmente diferente, significa viver por procuração, ou seja, de segunda mão. Algumas vezes útil e muitas vezes necessário, isso pode ter uma função durante um certo tempo. Mas a verdadeira sabedoria é a verdade na nossa vida, e a verdade vivida representa força, a única força que realmente existe e da qual tudo provém. Essa força se chama Amor. As-

sim há a Verdade, a Luz, a Força e o Amor, palavras diferentes designando uma só e mesma realidade.

A verdade interior vivente liberta. A sabedoria é, portanto, uma radiação. Ela é perceptível. A luz possui uma ação magnética. Quando todas as facetas são reunidas, podemos falar de campo de vida, de um corpo vivo, no qual o pesquisador da verdade, da sabedoria, da luz e do amor encontra seu caminho. Esses quatro elementos, uma vez libertados, formam uma escola iniciática na qual o habitante do limite adquire o poder de transpor a fronteira.

Luz, Força de atração e Vida caminham juntas. Embora infinitamente diversificadas, elas formam uma unidade. Juntas elas possibilitam a transformação alquímica. Verdade é Luz, Luz é Força, Magnetismo e Vida. Tudo isso reunido é o Amor. Aquele que é animado pelo Amor encontrará em tudo a Sabedoria. Em todas as circunstâncias, em todos os encontros, em todos os acontecimentos por mais insignificante ou por mais importantes que sejam, em todos os impedimentos e dificuldades, em todas as surpresas, em todas as alegrias, em uma palavra, um olhar, um gesto, um acaso, ele experimentará a sabedoria. Afinal tudo, em qualquer nível de materialidade que seja, resulta da força. Tudo no mundo é *matéria para iniciação*, para aquele que vive, enquanto adulto, plenamente consciente na filiação divina.

DAR FORMA À TRANSMISSÃO

O campo no qual Verdade, Sabedoria, Força e Amor estão em atividade,

João, a personalidade nua, repeliu todo o terrestre e diz a Cristo: *Emana de mim.* Cristo, a Alma-Espírito, sobe a escala de treze degraus e carrega os pecados do mundo. Ao pé da escada, Maria Madalena segura a taça do Graal. Wouter Crabeth (1530-1590?), vitral, Gouda, Holanda.

“Na mão direita, ele segurava um clarim de ouro puro [...] na mão esquerda, um grande maço de cartas, escritas em várias línguas que ele devia, como soube mais tarde, levar para todos os países.” Johfra, 1967, ilustração d’*As núpcias alquímicas de Christian Rozenkreuz*, de J. van Rijckenborgh.



transmite informação. A palavra “informar” não significa somente comportar dados, porém quer também dizer formar, dar forma à transmissão. O processo alquímico é um processo de in-formação. Acontece algo na forma. E antes de tudo na forma que é o próprio homem. Em todas as células do corpo se encontra material magnético sensível, material que se encontra muito concentrado, por exemplo, no cérebro, que é constituído de bilhões de células. Acontece o

mesmo com o campo magnético aqui descrito. A informação é recebida pela respiração magnética das células, pelo corpo, e também pelos corpos sutis. Mediante a transmissão é dada uma forma específica à mensagem ou então são trazidas modificações a uma antiga forma.

O que fazemos ou deixamos de fazer, nossos pensamentos, nossos sentimentos e tudo que ocorre dentro de nosso corpo são em parte determinados por essas informações magnéticas

e por processos de assimilação.

Fala-se do *auxílio secreto dos rosas-cruzes*. Esse auxílio fundamenta-se na realidade do Amor. Aquele que se tornou adulto experimenta interiormente a realidade do filho divino; o filho da verdade se alimenta dessa verdade e é o que se chama um homem sábio. Emana dele algo de especial que representa *a ajuda secreta para todos os que a procuram*, ajuda trazida de modo desinteressado e impessoal. A vontade e as motivações da personalidade não mais intervêm. Um tal homem se converteu, retornou e se entregou completamente a essa nova e renovadora força. Ele não é nem mais nem menos que um instrumento. Portanto, o *auxílio secreto* não provém da pessoa. O eu permanece fora de tudo isso. Essa é a razão pela qual o auxílio é considerado secreto.

PALAVRAS PODEM PROPAGAR A LUZ

A sentença *a palavra é de prata, o silêncio é de ouro* possui um sentido profundo insuspeitado. A ajuda secreta é trazida na calma e no silêncio. A fala é apenas um sustentáculo. Dizem que a prata é, de todos os metais nobres, o que melhor reflete a luz. Ela reflete noventa e cinco por cento da luz. Como a prata, as palavras refletem e propagam a luz. Entretanto, mesmo as palavras mais puras não podem refletir a totalidade da luz e nem transmiti-la. Somente o ouro pode. O auxílio secreto é ouro. As palavras são, no máximo, prata. A grande obra provém do silêncio, o resto é somente sustentáculo.

A verdade, a luz e o efeito magnético vivente formam uma unidade que é o Amor. Quando nos tornamos conscientes disso, adquire-se realmente o poder de realmente servir o seme-

lhante. Esse poder é dado aos que são capazes de utilizá-lo da única justa maneira. As condições são:

- viver da verdade;
- dissolver-se na sabedoria e crescer;
- e pela verdadeira alquimia, renascer.

PARADOXO DIVINO

E Jesus disse: *Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.*

O mais humilde é o maior. Tal é o paradoxo divino. Eu, o adulto, devo diminuir. Assim, Ele, o Outro em mim, pode se tornar adulto. É uma reversão radical. O homem adulto segundo a natureza deve se tornar pequeno, diminuto, humilde e submisso. Ele deve decrescer para que a criança de Deus nele cresça e se torne adulta. Ele se tornará o maior no reino dos céus. O maior no seu próprio céu microcósmico que é uno com o microcosmo divino. Não diremos mais *és pó e ao pó voltarás*. Porém, *Tu és luz e voltarás a ser luz*.

O filho de Deus é o maior porque sabe que é uno com o Pai; uno com a Fonte universal divina, uno com o Infinito. Nada é maior que o Infinito. Essa grandeza é compartilhada pelo filho da Luz.

RETORNO AO NÚCLEO ESPIRITUAL

Perder o contato com o núcleo espiritual significa mergulhar no sofrimento, na adversidade e no despedaçamento. A tendência obstinada à experimentação, em um mundo de contradição, confronta a humanidade com os seus limites. Separado de sua fonte espiritual interior, o homem aprende de maneira inexorável, freqüentemente trágica, o significado oposto do bem e do mal.

O homem emite de seu cérebro uma força de investigação, a fim de compreender o mundo dos fenômenos, ordená-los, moldar a matéria, ora construindo, ora destruindo, e isto sem levar em conta o princípio nuclear do ser, sem ligação com a árvore da vida. Assim, os frutos da árvore do conhecimento do bem e do mal não têm nenhum valor constante. Pensando apenas em função da lei dos opostos, sem beber da fonte espiritual, o homem é conduzido diretamente ao declínio e à morte. O centro, a Fonte, é a porta por onde entra a energia universal. Essa concentração de Inteligência e de Bondade supremas, não humanas, deu nascimento a todos os mundos, através de incalculáveis fases de condensação.

Mas existe também uma contra-criação, isto é, uma parte do universo onde reina a decadência e a morte, que entra em atividade quando uma onda de vida, proveniente do seu centro, não vibra e nem respira mais no mesmo ritmo do restante do univer-

so. Perder a consciência de centro espiritual equivale a uma separação da ordem universal divina. As mônadas rompem o contato com o Sol espiritual e se enredam nas esferas mais densificadas. A reminiscência dessa ligação rompida com o campo de vida do Sol espiritual pode ser ativada pela prática de um “culto a Deus autêntico”. Em sua origem, todas as religiões solares eram consagradas ao campo espiritual central.

A LUZ SE RETIRA

Entretanto, quando os sacerdotes de um culto perseguem seus próprios interesses, ele se cristaliza. A respiração divina cede a vez à energia humana que, não sendo eterna, assina a sentença de morte de um tal culto. Uma vez rompido o contato com a Fonte original, a Luz se retira e as trevas envolvem o coração dos extraviados. Esse processo de extinção lhes é fatal. Eles não mais estão em harmonia com o campo de vida original do qual se desviaram. Doravante, o seu domínio de existência está submetido à lei da “dualidade”. É o mundo do “subir, brilhar e fenecer”, onde todas as criaturas nascem, fazem suas experiências e morrem. Denomina-se o estado de ruptura do microcosmo com o mundo original a “primeira queda”. Este é o estado da humanidade atual, cujos microcosmos se precipitaram na matéria, rompendo a ligação com a origem. A noção de “queda” está presente no sangue de toda a humanidade.

Através de sua peregrinação, seu errar através da matéria, a humanidade viu nascer grandes civilizações e muitos sistemas religiosos. Essas etapas intermediárias, rituais e culturais, tencionadas para que o homem pudesse tomar consciência do seu destino, cristalizaram-se sempre mais e mais, por falta de discernimento, em uma política autoritária, resultante de uma vontade de auto-afirmação. Mas as cristalizações causadas pelos interesses pessoais, aqui embaixo e do lado de lá do véu, no além, não são irreversíveis. Mesmo que elas subsistam a alguns decênios, séculos ou milênios, acabarão por desaparecer, permitindo ao microcosmo valer-se de novas oportunidades de progresso. No momento atual, a humanidade encontra-se em um período de ruptura com os valores estabelecidos. Para muitos a vida cotidiana é pontilhada por crises e violentas agitações.

O SACRIFÍCIO DO HOMEM LIBERTO

Os últimos dois milênios colocaram a humanidade diante do sacrifício do amor divino feito por Cristo para a humanidade sofredora. Novamente, esse sacrifício é colocado diante da consciência sonhadora do homem. Jesus – o Cristo – isto é, a Alma religada ao Espírito – impulsiona o homem para a libertação do microcosmo aprisionado, em palavras e em atos. Aquele que se abre para isso entrega-se conscientemente ao princípio espiritual central, ao coração do seu microcosmo. Ele recebe então como Jesus – e este é um processo gnóstico – a pura compreensão de si mesmo e das leis do universo. Mas, também como Jesus, ele é confrontado interiormente e exteriormente com as forças de auto-conservação que querem rejeitar a

Luz. Se sua rendição ao núcleo espiritual é total, ele aprende a discernir o “mal” e a não mais reagir a ele, nem mesmo ao suposto “bem” deste mundo. No fogo cruzado das forças opostas, mantém-se de pé, sólido como uma rocha, completamente voltado em direção à Fonte interior. E, como Jesus, ele descerá ao reino dos mortos e ressuscitará no estado de homem Alma-Espírito e se elevará ao plano universal. As almas libertas, que se sacrificam à Luz, estabelecem os fundamentos a partir dos quais todas as almas podem ser recebidas novamente no alento do Espírito. Um ser liberto não ambiciona nenhuma posição de poder neste mundo. O reino do Espírito busca reconduzir a si os inumeráveis microcosmos perdidos nas trevas. Para isso é necessário que o coração recomece a vibrar, a respirar, a viver em interação com a Fonte primordial. A ajuda divina é oferecida àquelas almas que preparam, encetam e percorrem o caminho de volta ao Lar.

A RESPIRAÇÃO NO MICROCOSMO E NO MACROCOSMO

A inspiração e a expiração são um processo fundamental que ocorre em todas as esferas do universo. Todas as criaturas respiram, desde a menor à maior, da mais rudimentar à mais evoluída. O alento é consciência, a consciência é alento. A consciência e o alento de uma forma de vida que rompeu a ligação com o Espírito vibram no reino da morte, extinguindo-se. Mas, quando uma forma de vida é religada ao reino do Espírito, sua respiração e sua consciência entram em ressonância com o universo. A impermanência é abolida, em proveito de um eterno desenvolvimento.

Há uma infinidade de ciclos de res-



piração. Pode-se ver miríades de microcosmos emanados da Fonte original como uma expiração, e seu retorno à Fonte, como uma inspiração. Cada expirar e cada inspirar da Fonte tem uma duração incomensurável. Cada expiração, ou expulsão dos microcosmos, é uma criação dinâmica, assim como cada inspiração, que liberta os microcosmos de suas criações e os reconduz à Fonte da Vida.

O alento no grande e no pequeno são um formidável mistério, com os quais todos que buscam o retorno serão confrontados. As escolas de sacerdotes das religiões orientais treinam e cultivam a respiração, a fim de levar a alma a níveis de consciência superiores. Mas a alma lá fica retida, porque este caminho não fornece o passaporte para entrar no reino do Espírito. Para receber o passaporte, é necessário que a alma restabeleça a ligação com a fonte primordial da Vida, saciando-se e purificando-se. Esta é a condição

para que seja franqueada a fronteira entre a vida e a morte.

No Ocidente, as escolas sacerdotais orientam-se menos para a cultura da respiração e mais para a repressão dos desejos. Ao reprimir os impulsos biológicos, a alma deveria encontrar um livre acesso ao plano divino. As consequências negativas deste método já são conhecidas. O recalque dos desejos coloca a razão sob alta pressão e é o que levou a humanidade a uma submissão à ciência. Sua arma predileta é o pavor concreto, resultado da desarmonia entre a cabeça e o coração. O intelecto aguçado e suas especulações são a origem de numerosos transtornos psíquicos e físicos. Denomina-se a isto “stress”. Busca-se compensação no esporte, no sexo, nos divertimentos. É uma engrenagem que não favorece de modo algum o restabelecimento da ligação com a Fonte espiritual primordial e não reaproxima, nem um pouco que seja, a alma de seu Criador.

Nem a repressão dos desejos, nem os exercícios de respiração, nem a ciência, nem os cultos dogmáticos, nem o êxtase místico libertam a alma do seu aprisionamento. Desde a noite dos tempos, o homem esbarra no muro de suas ilusões. E por quanto tempo ainda?

INVERSÃO DA POLARIDADE RESPIRATÓRIA

A humanidade está em um ponto de reversão. O retorno em direção à Fonte, a fase de inspiração, começou. A mitologia egípcia conta que Ísis (a mãe original) reuniu os pedaços de Osíris (as centelhas de Luz do Espírito solar) espalhados por Seth (princípio do fracionamento infinito) para reconstituir um Ser vivente. A divisão é abolida. Mani, o mestre espiritual persa do terceiro século depois de Cristo, dizia que, ao fim dos tempos, todas as centelhas de Luz serão reunidas para formar uma coluna de Luz. Esse processo de renovação alquímica já começou há muito tempo e toca o coração de cada homem.

Atualmente a humanidade encontra-se em um período de mudanças revolucionárias. No mundo inteiro a separação entre a Luz e as trevas torna-se flagrante. O materialismo, a tecnocracia e a globalização aprisionam as jovens gerações em um campo de vibrações primitivas, ao nível do inconsciente. Então é muito fácil manipulá-las e vitimá-las.

Tensões, doenças físicas e psíquicas, relações humanas caóticas se desenvolvem por toda parte. Por exemplo, nas discotecas, a trepidação dos ritmos e a repetição sem fim de seqüências sonoras despertam desejos e instintos primitivos e obscurecem a consciência, levando-a ao estado de transe. A magia natural dessas baixas vibrações

exerce irresistível coação. Magia extremamente perigosa que aprisiona as almas nas redes de uma morte espiritual. Muitas pessoas tornam-se prisioneiras da armadilha da teia eletrônica, espalhada em torno do planeta, levadas pela curiosidade e obsessão por informações. A era digital tem, sem dúvida, suas vantagens, mas pode sufocar no homem o último vestígio da consciência de sua origem divina.

A ROSA DE ÍSIS DESPERTA NO CORAÇÃO

A Luz entra em contato com a centelha espiritual no homem, despertando muitos. Os homens tomam consciência, cada vez mais, do perigo que ameaça suas almas e procuram escapar das inúmeras teias enleantes. Voltam seu anseio em direção à Verdade, a verdade absoluta que não é imposta por nenhuma autoridade, e esse desejo atrai forças sublimes. Tornando-se mais e mais conscientes, descobrem o caminho que conduz ao núcleo espiritual do seu microcosmo.

Na fase de inspiração, que agora tem início, todos os microcosmos são chamados e reunidos. Mas as forças que os querem reter entram também em ação. Estas forças têm muitos aliados, que oferecem seu auxílio em todas as espécies de domínios. A quem escutar? O caminho mais seguro é o do silêncio interior perfeito. Mas isso parece de uma dificuldade insuperável, no meio dos clamores deste mundo. Não obstante, a senda abre-se diante daqueles que conseguem acalmar a cabeça e o coração e assim escutam o murmúrio da Rosa. Este caminho tem início no ponto de contato do Espírito no coração do microcosmo, na rosa do coração. A Rosa fala ao buscador e lhe indica a senda a seguir.

A VOZ DA ETERNIDADE RESSOA NO SILÊNCIO

Milhões de pessoas observam um minuto de silêncio em memória das vítimas de uma ou outra catástrofe natural. No vale do Nilo, gigantescos faraós de pedra, testemunhas de civilizações seculares, fixam o horizonte, impassíveis. O firmamento estrelado irradia no silêncio da noite. Por que o silêncio se impõe? Por causa da angústia? Por causa do sentimento de opressão, ou de libertação?

É a valorização do silêncio uma reação à algazarra inimaginável na qual vivemos? As religiões orientais o associam a técnicas de meditação. Os exercícios de ioga são ligados à prática do silêncio. Mas, traz essa prática o aprofundamento desejado? Ela nos permite adquirir uma compreensão do fundamento de nossa existência? Ela nos leva a uma mudança de comportamento? Não queremos dizer uma mudança momentânea, o tempo de se recompor, mas uma transformação radical, uma renovação de todo o ser.

O que é o silêncio? A ausência de ruído, de dissonâncias? É a ausência de estímulos cerebrais e sensoriais, como durante o sono? É o vazio, a solidão das florestas, das montanhas, dos desertos?

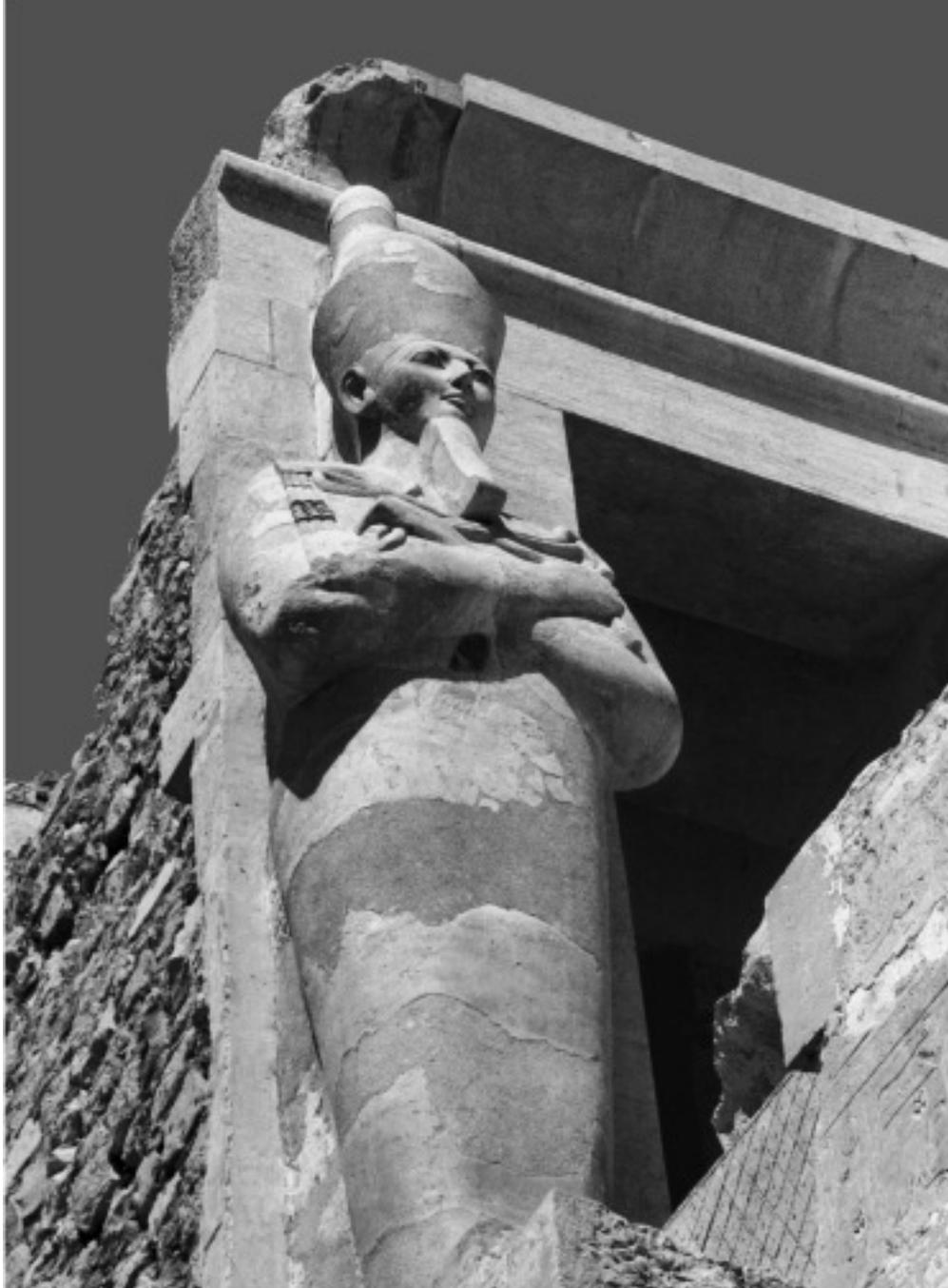
Eis o que está escrito num trecho extraído do Fragmento I do *Livro dos Preceitos Áureos*, traduzido por H. P. Blavatsky, na *Voz do Silêncio*:

Antes que a Alma possa compreender e recordar-se, deve estar unida ao Falante silencioso, como a forma a ser

tomada pela argila e modelada é primeiro unida à mente do ceramista. Porque então a Alma ouvirá e se recordará. E ao ouvido interno falará a Voz do Silêncio.

A *Voz do Silêncio*, como indicado no início do livro, é dedicada “aos eleitos”. Ela não se dirige ao homem entregue ao tumulto interior, mas à alma que encontrou o silêncio. Aqui, a noção de silêncio tem um sentido particular: ele não é perceptível aos órgãos dos sentidos.

A forma impressa na argila existe primeiramente no pensamento do oleiro. A forma do vaso é uma imagem concreta criada pelo pensamento do Falante Silencioso. Obra de arte única da qual deve dispor o pesquisador do tesouro espiritual. Nada deve se interpor entre ele e o Falante Silencioso, nem mesmo a imagem mais tênue. É necessário eliminar toda atividade do pensamento, o qual é denominado o grande assassino. A atividade dos pensamentos é alimentada pelos sentidos e é arrastada, de lá para cá, entre os pólos da existência terrestre. O pensamento está sujeito aos limites das alternâncias dos opostos e escravizado às exigências do eu. A *Voz do Silêncio* continua: *Quando ao tumulto do mundo tua alma desabrochando dá ouvidos; quando à rugente voz da grande ilusão tua alma responde; quando, medrosa ante a visão das cálidas lágrimas da dor e aturdida pelos gritos de desespero, tua alma se recolhe como tímida tartaruga na carapaça do egocentrismo, sabe, ó*



Discípulo, que do seu Deus Silencioso tua alma é um sacrário indigno. O homem é prisioneiro de suas próprias imagens que formam um mundo de ilusões e o forçam a ver as coisas diferentemente do que elas realmente são. Supondo que os impulsos do mundo não consigam mais atingi-lo – uma ilha deserta não dando nenhuma garantia de isolamento – ele ouviria o “Falante Silencioso” e veria a vida tal como ela é na realidade. Ele poderia constatar que existem dois mundos,

nele e à sua volta: o mundo da alma e o mundo da personalidade governada pelo eu.

“A Voz magnética que chama aquele que está fatigado.”

*No livro *A grande revolução*, J. van Rijckenborgh escreve: *Ouvir a voz, no sentido da Bíblia, é algo totalmente diferente. Refere-se ao som que emana do campo de força do reino imutável, pois cada força possui a sua vibração e assim também o seu som. Esta é a música das esferas con-**

Estátua da rainha Hatshepsut, no terraço de seu templo em Tebas (Deir-el-Bahari), Egito.



O silêncio do infinito é interrompido por véus de trevas.
Foto Pentagrama.

sagrada a Deus, que o aluno (o buscador da Sabedoria, da Palavra) pode ouvir, quando, no silêncio do seu coração dilacerado, houver terminado todo o conflito segundo a natureza e toda luta pela libertação do seu eu. É a voz magnética que chama o exausto; é a força que concede a verdadeira quietude.

Esse silêncio é a condição essencial para se dar início ao processo de transformação. O silêncio puro, onde ressoam a harmonia e a paz, é mais que a ausência de ruído e de agitação. O silêncio conduz a alma que se eleva à sabedoria profunda. No livro XIV do *Corpus Hermeticum* de Hermes Trismegisto, diz Tat: *Não sei de que matriz nasce o verdadeiro homem e de que semente.* E Hermes responde: *Da sabedoria, que pensa no silêncio.* E J. van Rijckenborgh explica em seu livro *A arquiagnosis egípcia*, volume 4, Capítulo XIX: *A Sophia está no silêncio, que se encontra no espaço original, livre, e todas as partículas dessa matéria estão carregadas com as grandes*

forças divinas, com as idéias do Logos.

Quando o pensamento se tornou perfeitamente silencioso na contemplação do universo insondável, o próprio silêncio o perturbará. Para voltar a ser silencioso e empreender o caminho real, é preciso olhar exclusivamente o que se fez até então, antes de poder mudar de direção e continuar.

Fontes:

BLAVATSKY, H. P., *A voz do silêncio*, São Paulo: Pensamento, 1991.

RIJCKENBORGH, J. V. E PETRI, C.D., *A grande revolução*, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1986.

RIJCKENBORGH, J.V., *A arquiagnosis egípcia*, v. 4, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1991.

“Ó MEU CORAÇÃO, MORRE OU CANTA!”

*Somente um sino e um pássaro
interrompem o silêncio...,
como se conversassem com o sol poente.
Áurea quietude, uma tarde talhada
no cristal.
Um suspiro de pureza embala as árvores
e, do outro lado, um rio claro sonha;
destruindo pérolas,
liberta-se, fluindo no infinito.*
(J. R. Jiménez, 1881-1958)

O poeta espanhol Juan Ramón Jiménez descreve o estado de alma que o penetra no momento em que nele surge o pressentimento da existência de um outro mundo mais sublime.

A beleza de uma paisagem sob um radiante sol de tarde de verão leva interiormente o poeta à inspiração. Ele expressa estes versos sob a influência de uma força especial.

Desperto em uma outra realidade, bem diferente do mundo habitual, com os seus fluxos e refluxos perpétuos de conflitos e desejos, ele ouve o silêncio da onipresença com aquela intensidade somente alcançada pelo apaziguamento dos pensamentos e das emoções.

Jiménez experimenta como que uma quietude áurea na qual entra em contato com algo de natureza espiritual; sentimento cuja radiação se propaga para o exterior dele e que ilumina a natureza como um cristal. Ele percebe como uma corrente translúcida de inúmeras almas puras sonha, destruindo pérolas – as falsas pérolas, as imitações do mundo material. Ela

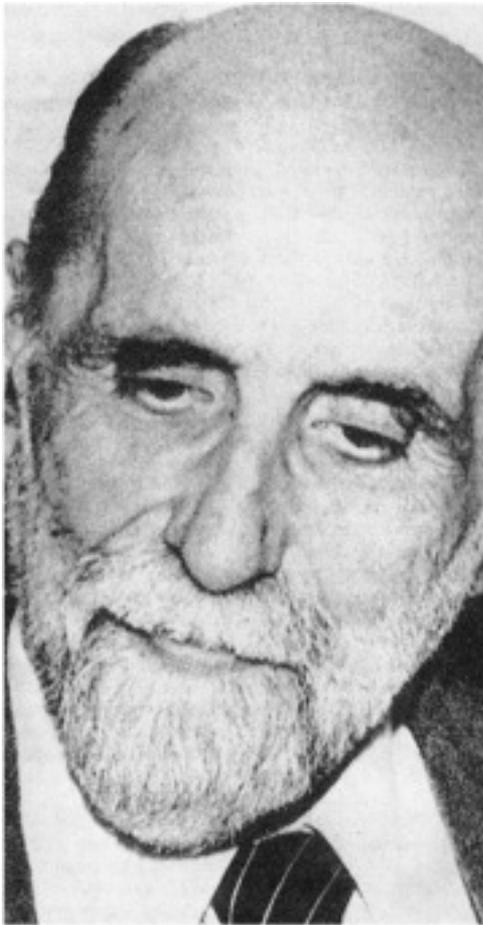
sonha em se libertar da transitoriedade e fluir no infinito, na eternidade.

Talvez seja difícil acompanhar a inspiração do poeta. Suas palavras formam, no entanto, a imagem de uma realidade paralela ao mundo transitório e que aí irrompe, realidade essa que pode aparecer à consciência graças a uma nova faculdade da alma, no momento em que o velho sol declina.

A VIAGEM DEFINITIVA

*E eu irei, e os pássaros permanecerão
e cantarão,
e meu jardim continuará com sua
árvore verde e sua branca fonte.
Cada tarde o céu será azul e pacífico
e os sinos do campanário soarão
como nesta tarde.
Aqueles que me amavam falecerão,
e a aldeia, a cada ano, se renovará,
e nesse canto de meu jardim de flores
brancas meu espírito vagueará ébrio
de nostalgia...*

Pode-se pensar, em uma primeira abordagem, que Jiménez descreve sua morte próxima. Mas por que então dá a esse poema o título *A viagem definitiva*? Por que escreve: *Aqueles que me amavam falecerão* e por que não fala de sua própria morte? Estes versos testemunham um desejo intenso de conhecer uma outra realidade, que desperta em cada um daqueles que vivenciam os limites mais extremos da existência terrestre. Aquele que procura essa outra realidade empreende uma viagem



te ao mundo do Espírito. É essa nostalgia experimentada neste vale de lágrimas que impele a alma do homem a se voltar para o vasto horizonte...

Ó meu coração, morre ou canta.

*Meu coração é agora tão puro,
que não importa se ele morre
ou canta.*

*Ele pode preencher o livro da vida,
ou o livro da morte.*

*Ambos são virgens para o meu
coração,
que pensa e sonha.*

*Ele encontrará a mesma eternidade
em ambos.*

*Ó meu coração, já não importa:
morre ou canta.*

definitiva. Ele põe o pé num caminho que leva a uma região acima do plano terrestre.

Essa viagem foi interrompida por nós, há muito, muito tempo, mas só poderemos continuá-la quando o homem original – que é também o novo homem em nós – reviver.

Aqui no campo de vida terrestre, na aldeia que a cada ano se renova, o pesquisador está no seu ambiente familiar, com os seus hábitos e suas paixões. É por isso que *seu espírito vagueia ébrio de nostalgia?* Visto de modo superficial, é bem assim.

Mas aquele que procura a ligação com uma outra realidade e, no mais profundo do ser, aspira pelo Espírito, experimenta uma outra saudade. A saudade da pátria original pertencen-

Um homem que realmente aspira a um outro estado de vida, que ele percebe, distante, em seu interior, realiza em sua vida uma reversão definitiva. Essa reversão surge do coração central de seu microcosmo e toca o coração humano que finalmente consegue uma mudança total de orientação. Assim procedendo, o coração se desliga de sua vinculação energética com o mundo transitório e se funde com o mundo espiritual. A conversão se dá progressivamente até o momento em que *não mais importa que o coração morra ou cante.*

Interiormente isto corresponde, para o candidato, a uma travessia do deserto, onde outros poderão encontrar uma forma de realização, mas onde, para ele, há somente aridez e ausência de vida, com talvez uma miragem aqui e ali para desviá-lo de sua rota. Nesse deserto, o coração se abre como uma rosa na luz e já não participa essencialmente da natureza da morte. A vida terrena nada mais é que um grande “frio”. A morte e o morrer são para um tal homem, em

O poeta
espanhol Juan
Ramón Jiménez
recebe o prêmio
Nobel de
literatura em
1956.

sentido especial, características evidentes do ser natural e não mais o assustam. Ele sabe: a todo momento desaparece uma parte da manifestação da vida atrás dos véus da morte, exatamente como, ao mesmo tempo, nasce uma outra parte. Mas não só isso. Também as expressões da vida, os movimentos dos sentimentos, dos pensamentos e da vontade surgem na sua vida, mas ele já não se agarra nem se prende a eles. Ele aprendeu a deixar morrer em si esses movimentos que são a essência do eu, mas nos quais ele já não está centrado.

O coração vive de uma nova força. Ele agora respira na eternidade. Ele se tornou uma página branca, virgem. Já não é importante se ele vive no mundo terrestre ou se ele morre, pois, fundamentalmente, já não participa de nenhum dos dois estados. O coração encontra em ambos a mesma eternidade, porque está no silêncio do novo pensar e ele “sonha” e cria uma outra vida perfeita. *Ó meu coração, já não importa: morre ou canta.*

Na igreja St. Jans, em Gouda, Holanda, encontra-se a lápide de um discípulo de Jacob Boehme, com o nome: Hermannus Herberts. Ela traz a inscrição:

Aprende a morrer antes de morrer, a fim de saber morrer.

*EU não sou eu,
EU sou aquele
que caminha ao meu lado,
sem que eu o veja,
aquele a quem muitas vezes
rogo conselhos, e de quem geralmente
também esqueço.
ELE, que silencia quando falo,
que calmamente se retrai quando
me enraiveço,
que está onde não estou,
que permanece quando eu feneço.*

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ – SUA VIDA

Juan Ramón Jiménez nasceu em 1881, em Moguer, uma aldeia de pescadores no extremo oeste da Andaluzia, no sul da Espanha. Realizou seus estudos de direito na Universidade de Sevilha e foi, então, viver em Madri. Tornou-se famoso como poeta. Como não gozava de plena saúde, viveu retirado o mais que pode. Mas isso não o impediu de viajar para a França, Itália e Suíça. Em 1917, visita os Estados Unidos, onde encontra sua companheira, que permanecerá sempre ao seu lado. Juntos, empreendem a tradução para o espanhol da obra de Rabindranath Tagore, o poeta indiano prêmio Nobel de literatura. Depois da guerra civil espanhola (1936-38), vive nos Estados Unidos dedicando-se totalmente à literatura. Juan Ramón Jiménez tornou-se célebre na Espanha e na América Latina já algumas décadas antes de receber o prêmio Nobel de literatura, em 1956. É um dos representantes mais importantes do modernismo, considerado como um inovador pelas jovens gerações. Passa os seus últimos anos em Porto Rico e morre, em 1958, em San Juan.

O SEGREDO DO SOL

*Maravilhosa é Tua aurora no horizonte do céu,
Ó Aton, Criador anterior à origem de toda a vida!
Quando Te elevas no oriente do céu, todos os reinos abaixo brilham de beleza;
Tu és belo e bom e cintilante e muito acima da terra.
Tu abraças amorosamente, com as mãos dos Teus raios, os reinos e toda a Tua criação.
Tu és Ra, que os conduz e protege.
Por Teu amor, religas tudo a Ti.
Ainda que estejas longe, Tuas radiações aquecem a terra,
Teu rosto eternamente voltado para nós no Teu percurso.¹*

Neste hino ao sol, o faraó Akenaton (século XIV a.C.) expressa de modo maravilhoso sua veneração pelo Criador. Em latim, a palavra *solus*, “o único” ou “ele sozinho”, deriva da palavra sol, “sol”. Em grego, sol é *Helios*, “o mais alto”. A humanidade, desde o início, venerava o sol como um ser divino. Somente nas grandes religiões dos últimos dois mil anos essa adoração não teve mais lugar, em virtude não somente das novas noções teológicas, mas também como resultado da evolução das pesquisas científicas sobre o universo.

Atualmente giram em torno do sol dois satélites artificiais: “Helios”, que foi lançado em 10 de dezembro de 1974, e “Soho” (Solar & Heliospheric Observation), lançado em 18 de dezembro de 1997. Essas duas maravi-

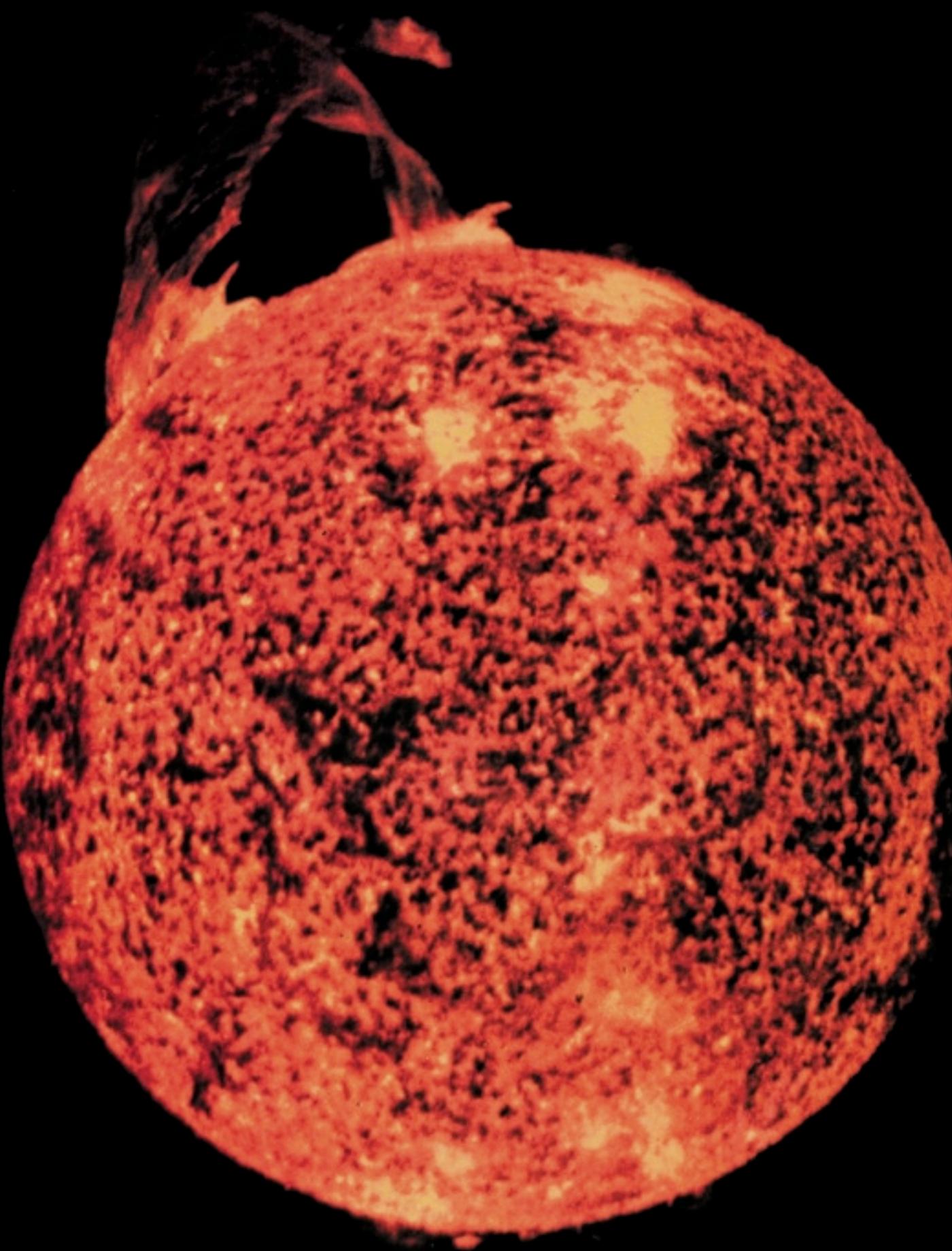
lhas da engenharia recolhem dados sobre os processos que ocorrem no interior, na superfície e ao redor do sol, transmitindo-os à terra por sinais. Essas informações permitiram a revisão de várias teorias antigas e o desenvolvimento de outras novas.

A ciência descreve o sol como um globo de gás incandescente que, pela força de gravitação, por causa do tamanho enorme de sua massa, mantém os planetas em suas órbitas, conduzindo-os em seu curso através do universo. Segundo as mais recentes noções astrofísicas, o sol tem a idade de 4,6 bilhões de anos e poderá atingir 10 bilhões de anos. O diâmetro do seu globo visível é de cerca 1,4 milhões de quilômetros e sua distância da terra se eleva a 150 milhões de quilômetros. Sua massa é avaliada em trezentas mil vezes a da terra. A temperatura em sua superfície é de 5.500 °C. Em seu núcleo – grande o suficiente para alojar um milhão de globos terrestres! – ela se eleva até 15 milhões de graus Celsius.

CIRCULAÇÃO SANGUÍNEA =
ENERGIA SOLAR

No coração do sol, o hidrogênio é fusionado em hélio, liberando enormes quantidades de energia, as quais iluminam e aquecem o inteiro sistema planetário. A cada onze anos e meio, aproximadamente, aparece o máximo das chamadas manchas solares. Essas manchas que se destacam por serem pretas revelam um calor intenso. Ao

Irrupções de chamas solares podem alcançar uma altura de mais de meio milhão de quilômetros.



A triunidade do Sol, do deus mais elevado (Vulcano), e da Lua. Estela de Palmira, século I d.C., Musée du Louvre, Paris.

mesmo tempo, os pólos magnéticos se alteram, após o mesmo lapso de tempo, criando um ciclo de 23 anos. Podemos associar estes processos ao batimento do coração solar. Uma vez a cada onze anos e meio aproximadamente, o coração do sol se contrai e envia a energia liberada como um sopro através do sistema solar. É o que se denomina “vento solar”, o qual pode ser detectado até nos planetas mais distantes. Diz-se, então, que o corpo solar é alimentado e conservado por essa circulação de energia, comparável à circulação sanguínea no corpo humano.

Além disso, o sol gira uma vez a cada quatro semanas ao redor de seu eixo, também como um coração com suas vibrações e pulsações. Esse globo de gás incandescente envia, por segundo, uma quantidade de energia maior que a utilizada por toda a humanidade no curso de milhares de anos de sua evolução. O sol também é semelhante a um gigantesco pião que produz um som ao girar. De onde vem ao certo essa sonoridade é ainda um enigma, mas percebe-se bem que

essas ondas de luz e de calor, do mesmo modo que as ondas sonoras, alimentam e mantêm o completo sistema solar, inclusive os seus habitantes. Suas correntes magnéticas têm o poder de criar e ordenar.

Todas estas informações da ciência dizem respeito apenas ao aspecto perceptível e físico do sol, contudo remetem a uma imagem que às vezes se opõe às idéias difundidas nas antigas civilizações.

A SEPARAÇÃO ENTRE DEUS E A NATUREZA

No período caldeu-assírio-babilônico (cerca de 2000 a 500 a.C.), adorava-se o sol sob o nome do deus Shamash; no tempo dos persas, gregos e romanos (500 a.C. a 500 d.C.) como Ahura Mazda e Helios, e durante o período romano como Mitra e Sol Invicto. Em sua obra *Der Sonnenspiegel*² (O espelho do sol), D. Vollmer mostra como a adoração do sol como um deus desapareceu do mundo ocidental:

O cristianismo teve de aprender a



se adaptar durante os trezentos anos de luta com o mundo das divindades gregas, onde o deus solar apresentava-se de diversas formas: Hélios, Apolo, Dionísio, Serápis, Elagabalo, e, sobretudo, com a dualidade Mitra/Sol Invicto. Essa adaptação foi possível graças à filosofia platônica e neoplatônica que tinha preparado o caminho para a separação ente Deus e a natureza, facilitando o trabalho dos bispos cristãos. Desde então, o deus solar do sincretismo helênico passou a não representar o sol natural em si, mas a idéia por trás dele.

Se os cristãos repeliram a adoração do sol, existiram, todavia, grandes pensadores que lhe atribuíram um lugar central na vida espiritual. Assim, Giordano Bruno (1548-1600), em seu poema intitulado *A Besta Destro-nada*³, proclama que o sol possui três aspectos essenciais (ver ao lado):

ELE É TRÊS EM UM

O tríplice aspecto do sol foi novamente enfatizado no século XX através da Teosofia e da Antroposofia. A russa Helena Petrovna Blavatsky, fundadora da Teosofia, escreveu, na última parte da *Doutrina Secreta, síntese da ciência, da religião e da filosofia* (1888): *O último sacerdote do sol, na Europa, foi o imperador romano*

iniciado Juliano, o Apóstata. Ele se esforçou por ser útil ao mundo, desvendando, ao menos em parte, os segredos do sol, do qual diz: “ele é três em um. O sol central é o protetor da natureza. Em primeiro lugar ele é a origem universal de todas as coisas; em segundo, ele é a inteligência suprema e reina sobre todos os seres dotados de razão; em terceiro lugar, ele é o sol visível.”

Em seguida, Blavatsky cita os discursos herméticos do pitagórico Filolau: *O sol é um espelho de fogo; a irradiação de suas flamas, ao refletir-se nesse espelho, se derrama sobre nós e a tomamos por sua imagem.*⁴

*Cego é aquele
que não vê o sol;
e doido
quem não o conhece;
e miserável
quem não lhe rende
graças.
Ele é a luz,
ele é o bem,
ele é a salvação.
Dele irradia,
dele atua,
dele doa
o Senhor do Espírito,
o Pai do Ser,
o Criador.*

*ma sobre nós e a tomamos por sua imagem.*⁴

Estas palavras da grande teósofa mostram claramente que importantes mistérios estão associados ao sol. H.P. Blavatsky os descreve em minúcias, assim como os mistérios e formas de cultos solares.

Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, dá, em suas obras, preciosas indicações a respeito do sol: *...Toda a matéria terrestre libera algo que é absorvido pelo sol. Portanto, não encontrareis um gás ardente no interior do sol, mas sim aquilo que ele absorveu, pois o sol é um sorvedouro. Essa esfera de sucção não é uma bolha de gás; pode-se compará-la a uma pérola no universo cujo interior não possui nada daquilo que se busca dentro dela. [...] Dessa forma, o interior do sol*



Cabeça de Akenaton, provavelmente a mais antiga. Diorita, ca. 1350 a.C.

*não é uma bolha de gás, mas algo que é menos do que espaço, algo cujo espaço, na realidade, foi removido. Se pensarmos no espaço como algo que se está dilatando, expandindo, então deveremos imaginar o interior do sol como se estivesse contraindo, um espaço negativo, mais vazio do que o próprio espaço!*⁵ [...]

*Não que o sol seja um corpo celeste de matéria rarefeita comparada à terrestre, simplesmente ela é negativa. [...] A matéria positiva (terrestre) é dilatante, já a negativa, contraente, absorvente.*⁶

GRANDES CONCENTRAÇÕES DE ANTIMATÉRIA

Esta observação de Rudolf Steiner é ainda mais misteriosa que a de H.P. Blavatsky. “Matéria negativa” e “espaço absorvente” são dois conceitos pouco usuais. Mas a ciência mostrou, depois de algum tempo, que aquilo que ela denominava antimatéria existe, e que a maior parte do universo é daí resultante. O conceito científico de antimatéria é, no entanto, muito diferente do conceito esotérico.

A noção de “espaço absorvente” é comum em Física, pois, após o início

da Astronáutica, o universo é apresentado como um vácuo, a uma temperatura de $-273,13\text{ }^{\circ}\text{C}$, o ponto do zero absoluto.

J. van Rijckenborgh, o fundador da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, escreveu em seu livro *A grande revolução*⁷ (1960):

O sol não possui nem luz, nem calor, nem outros fluidos, e não irradia. Ele é um campo magnético que possui um foco magnético primário e diversos outros poderes magnéticos. Chamamos “Vulcano” a este complexo campo magnético, extremamente vasto e misterioso. Ele envia suas influências sobre a nossa esfera terrestre e a toca até em seu coração. (capítulo XII)

Em *O advento do novo homem*⁸, Rijckenborgh escreve ainda:

O sol divino projeta sete espécies de raios neste mundo decaído e perdido. Esses raios formam um espectro completo: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta. [...] Ele desperta, no coração dos homens, o átomo centelha do Espírito. (capítulo III)

O MICROCOSMO TEM SUA ORIGEM NO CORPO SOLAR

No livro *Reveille! (Desperta!) – um apelo à juventude para a renovação fundamental da vida, como saída de uma existência sem esperanças*⁹, J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri escrevem:

Nosso planeta é uma parte determinada do corpo solar [...] Pode-se dizer que a terra é, de fato, um órgão pertencente ao sol [...] No entanto existe uma outra vida que nos afeta ao mesmo tempo; uma vida cuja origem não é terrestre, que a esfera terrestre não explica. Falamos do microcosmo e da mônada, que irradiam através desse

microcosmo. O microcosmo origina-se do corpo solar, a personalidade origina-se da terra. Existem, então, dois estados de vida que, em um dado momento, se ligam: uma vida proveniente da terra e uma vida proveniente do corpo solar.

É com razão que a verdadeira vida humana só tem início quando ela se prepara e se desenvolve para se elevar da terra. Compreende-se, então, por que Cristo é chamado um ser solar, e que ele nos disse que deveríamos ser como Ele. (capítulo II)

A ciência materialista e as religiões exteriores chegaram ao ponto de negarem os mistérios do sol. No entanto, Cristo é e permanece o deus solar, que não somente ilumina, aquece, penetra e mantém a vida terrestre – tanto no plano material como no espiritual – mas também a vida do inteiro corpo solar. E quando essa força, que tudo engloba, religou-se novamente ao nosso planeta, há cerca de dois mil anos, foi ofertada à humanidade uma nova oportunidade de evolução espiritual.

Fontes:

1 VREDE, E., *Astronomie und Anthroposophie*, 2. ed., 1980, p. 47.

2 VOLLMER, D., *Der Sonnenspiegel*, Rotenburg: 1983, p. 331.

3 BUDZINSKI-WECKER, *Giordano Bruno Buch*, Oldesloe: 1927.

4 BLAVATSKY, H.P., *Geheimplatz*, Bd. 3, 1. ed., 1999, p. 212, p. 214.

5 STEINER, R., *Vortrag vom 13.9.1924*.

6 STEINER, R., *Vortrag vom 18.1.1921*.

7 RIJCKENBORGH, J.V. e PETRI, C.D., *A grande revolução*.

8 RIJCKENBORGH, J.V., *O advento do novo homem*, 2. ed., São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1988.

9 RIJCKENBORGH, J.V. e PETRI, C.D., *Reveille!*, 2. ed., São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1983.

A ROSA DO CORAÇÃO ESTÁ DESPERTA

O epitáfio de Rainer Maria Rilke

*No cemitério da Igreja St. Romanus,
em Raron, Suíça, se ergue
uma discreta cruz de madeira
com as iniciais R.M.R.*

O poeta Rainer Maria Rilke exerceu uma grande influência sobre inúmeros jovens poetas por meio de sua arte de delicadeza extrema. Nascido em Praga em 4 de dezembro de 1875, falecido em Montreux em 1926, passou os últimos anos de sua vida na Suíça, com o apoio financeiro de uma princesa. Rilke estudou arte e literatura em Praga, Munique e Berlim, e finalmente decidiu tornar-se escritor. Como epitáfio, escolheu uma enigmática inscrição, sobre a qual muitos se interrogaram. Trata-se de palavras que beiram o inexprimível. O leitor deve decifrar por si próprio a mensagem que aí se oculta e vivificá-la:

*Rosa, ó genuína contradição,
Anelo de dormir o sono de ninguém
em tantas pálpebras.¹*

O que o poeta quis dizer? Qual é essa “genuína contradição”? Qual é esse “anelo”? O que significa esse “sono em tantas pálpebras”?

Rilke tinha aguçada percepção espiritual. E muitas de suas poesias são tentativas de expressá-la. Não é possível que o epitáfio que ele escolheu represente a quintessência dessa percepção? A quintessência de uma vida que, como a de todas

as pessoas, oscilou entre a eternidade e o tempo, entre a rosa do coração, o verdadeiro ser que, em princípio, está desperto, e o eu que, qual pálpebra, encobre o olho do coração, fazendo com que as pessoas durmam como egos pela eternidade?

A rosa visível é o símbolo dessa contradição entre o eu verdadeiro, desperto e eterno e o eu transitório que tolda a conscientização da eternidade.

Essa noção fica mais clara quando concebemos a rosa como a alma da humanidade, a rosa mundial. Seu cálice é como um olho aberto para o sol espiritual, sempre desperto, “dormindo o sono de ninguém”. O ser crístico da humanidade encontra-se vigilante. Contudo, as muitas pétalas da rosa, as personalidades-eu do homem terreno, fecham como “tantas pálpebras” esse olho vigilante. Elas se interpõem entre ele e o sol espiritual.

Embora o “anelo” desse ser verdadeiro esteja desperto, “dormindo o sono de ninguém”, todas as personalidades-eu ainda estão cerradas como pálpebras sobre ele.

O anelo de vigilar, a saudade de estar desperto, pode chegar às pálpebras a partir da alma mundial. Ele pode fazer com que essa pálpebra se abra e deixe a luz do sol penetrar o olho da alma. Cada eu, cada pálpebra da rosa da humanidade pode, a partir desse anelo da alma, acordar, ser tocado, se abrir e

assim contribuir para o despertar de toda a humanidade. Podemos dizer que Rilke foi um homem que, como uma pálpebra, se abriu e com essa abertura possibilitou o despertar. E ainda, por meio de sua poesia, auxiliou outros a também se despertar.

Dia virá em que todas as pálpebras fechadas e dormentes novamente se abrirão, isto é, em que todas as personalidades-eu se transfigurarão e velarão em comunhão. Então, a contradição será solucionada. A alma-espírito, o cálice da rosa, e as novas personalidades-eu de todos os homens – as pálpebras –, em vigilância coletiva, reconhecerão o espírito e dele viverão.



1. Texto do epitáfio em alemão:
*Rose, o reiner Widerspruch,
Lust, niemandes Schlaf zu sein
unter soviel Lidern.*

O poeta austríaco,
nascido em Praga,
Rainer Maria Rilke
(1875-1926).

SOHRAVARDÎ E O CAMINHO DA ILUMINAÇÃO

Shihâboddîn Yahyâ Sohravardî nasceu no século XII em Zamjan, na Pérsia. Seu destino assemelha-se ao de Mani. Sempre ensinando, viajou através do Irã e conquistou para a sua doutrina o filho de Saladino, sultão de Alepo, na Síria. Suas idéias e seus escritos despertaram muita hostilidade e, à idade de trinta e oito anos, os fanáticos chefes da religião dominante terminaram por derrubá-lo. Em 1191, foi feito prisioneiro por ordem de Saladino, morrendo pouco depois, provavelmente assassinado. Apesar da sua vida curta, deixou uma obra considerável, em árabe e em persa, sendo denominado “O Mestre da Teosofia Oriental”, em virtude de suas alegorias panteístas e herméticas.

Uma etapa decisiva para Sohravardî foi a sua compreensão de que um ensinamento espiritual vivenciado é bem mais importante que uma experiência mística. Sua obra mais importante, *A Filosofia da Iluminação*, expõe diferentes graus de desenvolvimento: ele reconhece os teó-sofos – aqueles que conhecem Deus pela experiência interior – e os filó-sofos – aqueles que especulam sobre Deus. Há, evidentemente, uma forma mista e os melhores pesquisadores são aqueles cuja busca implica, ao mesmo tempo, em experiências interiores e conhecimentos filosóficos.¹



Sohravardî diz explicitamente que sua obra é destinada a este tipo de pesquisadores. *As explicações deste livro se dirigem exclusivamente àqueles que são plenos de aspiração, que possuem a experiência do divino, ou, ao menos, que se esforçam por conseguí-lo. A condição mínima exigida do leitor é que o raio da luz divina já o*

O Khângâh tinha duas portas, uma dando para a cidade e a outra para o deserto e o jardim.
Ilustração
Pentagrama.

tenha tocado e que esse contato se lhe tenha tornado habitual.

Sohravadî pronuncia-se claramente sobre a sua tradição espiritual: *Graças ao que eu transmito do conhecimento das luzes e de tudo que está fundamentado nisso, sustento todos*



aqueles que seguem o caminho de Deus. Esta foi a experiência interior de Platão e, antes dele, de Hermes, o pai dos sábios. Mesmo na época de Platão existiram sábios sublimes, propagadores da sabedoria como Empédocles, Pitágoras e ainda outros. Eles transmitiram seus ensinamentos sob a forma de símbolos, os quais jamais

foram contestados. Com efeito, se alguém argumenta contra suas idéias, é porque apreende apenas a aparência exterior, não a significação interior, pois não se pode refutar um símbolo. É igualmente sobre os símbolos que está alicerçado o ensinamento oriental da Luz e das trevas, que constitui a religião dos sábios da antiga Pérsia.

Sohravadî considerava que sua missão era insuflar uma nova vida à sabedoria antiga que, para ele, continha uma força vivente capaz de preparar um caminho para o futuro. *A religião dos sábios da antiga Pérsia não é aquela dos mazdeístas, magos ímpios, nem a heresia de Mani ou qualquer outra doutrina que leve à multiplicação do Deus único.*

Evidentemente, dadas as circunstâncias, Sohravadî considerou Mani, de início, como herético. O tema da “multiplicação do Deus único” deu motivo para as atrozes perseguições aos discípulos de Mani. O ensinamento aparentemente dualista de Mani, a oposição entre Luz e trevas, estava em oposição direta às opiniões então correntes sobre a unidade divina absoluta (*Tauhîd*). Todavia, após um exame mais rigoroso, é evidente que o ponto de partida das proposições de Mani é a unidade absoluta de Deus, do mesmo modo que para Sohravadî, o qual, mais tarde, renegou o seu julgamento, e cuja obra, ademais, contém muitos temas maniqueus. O *Relato do exílio ocidental*, um de seus principais escritos, inspira-se na *Canção da Pérola* de Mani. A obra de Sohravadî, como a de Mani, é inteiramente consagrada à Luz e banhada por ela.

Naquela época, a questão da origem do mundo e de sua significação ocupava um ponto central. Nas regiões onde se propagava o seu ensina-

mento, as antigas representações cosmológicas sobre este assunto eram tidas por heréticas e não tinham lugar na religião oficial, a qual apenas indicava os princípios e leis a serem seguidos para conquistar-se o paraíso após a morte. No entanto, os pensamentos propostos por Mani e Sohrawardî eram conhecidos dos sufis, dentre os quais muitos eram ascetas que procuravam purificar-se fugindo do mundo e desafiando os perigos terrestres.

O BATER DAS ASAS DE GABRIEL

Este é o título da mais maravilhosa narrativa de Sohrawardî, que assim principia:

Eu (aqui a alma) consegui, em determinado momento, abrir uma passagem para fora do aposento das mulheres e desembaraçar-me do assédio das crianças. Era uma noite em que uma profunda escuridão havia envolvido a abóbada celeste. As trevas, aliadas fraternas do não-ser², haviam preenchido até às extremidades o mundo inferior. Os ataques de sono me deixaram em desespero. Preso de inquietação, peguei um candelabro e me dirigi para a ala dos homens de nosso palácio.

Essa noite, circulei até ao nascer da aurora. Subitamente veio-me o desejo de visitar o “khângâh” (monastério sufi) de meu pai. Este khângâh tinha duas portas. Uma dava sobre a cidade, a outra, sobre o jardim e o deserto com a sua imensa planície. Fui, fechei firmemente a porta que dava para a cidade e abri a porta que levava ao deserto. Então, vi dez sábios, de uma bela e amável fisionomia [...] sua nobreza, sua majestade e seu esplendor maravilham-me até o mais alto grau [...] Diante de sua graça, sua

beleza, seus cabelos de neve, seu comportamento, fui tomado por tamanho estupor, que perdi o uso da fala. Dominado pelo medo [...] dei um passo adiante e, imediatamente, um passo atrás. Disse a mim mesmo: “Mostra coragem! Prepara-te para abordá-los, aconteça o que acontecer!”.

Passo a passo, me pus a avançar e preparei-me para saudar o Sábio que me estava mais próximo, mas sua natural extrema bondade o fez antecipar-se e ele me dirigiu um sorriso tão cheio de graça que seus dentes refletiram-se em minhas pupilas. Apesar do seu comportamento afável [...] o medo que ele me inspirava predominava. Perguntei: “Digam-me, nobres senhores, de que lugar destes-nos a honra de vir?” O sábio: “Somos uma fraternidade de seres imateriais. Vimos do país “Nenhures.” Não cheguei a compreender: “A que região pertence essa cidade?” O sábio: “A uma região cujo caminho o dedo não pode indicar.”

Desta vez compreendi que o sábio possuía o conhecimento divino: “Por favor, instruí-me. Em que ocupais vosso tempo?” Ele me respondeu: “Saiba que nosso trabalho é de coser vestimentas. Ademais, somos os guardiões da palavra de Deus e viajamos.”

Perguntei ainda: “Os sábios que se encontram acima de ti, por que permanecem em silêncio todo o tempo?” O sábio: “Porque tu e teus semelhantes não estais aptos a entrar em relação com eles. Sou o intérprete deles, pois eles não podem conversar contigo e com teus semelhantes.”

Assim inicia a narrativa de Sohrawardî *O bater das asas de Gabriel*. Este fragmento já mostra o duplo aspecto da doutrina do autor: a alma está aprisionada no mundo e dele deve fugir. Deve começar por desper-

tar, depois retornar, para finalmente atingir o estado celestial. Esta narrativa mostra o fundamento universal de sua mensagem.

Trevas e “não-ser” formam o mundo inferior. Quando a alma desperta e deseja desprender-se do mundo, deve corajosamente abandonar o caminho que seguia como indivíduo e arrancar-se do sono da vida terrestre comum. Enfim surge a aurora, momento decisivo nos ensinamentos de Sohrevardî. Abre-se uma fenda. O herói entra na célula de seu pai e pode, após fechar a porta que dá para a cidade, abandonar o tumulto do mundo e entrar no deserto para encontrar os dez Sábios. Ele observa que aqueles vêm do país de “Nenhures”, inexistente para a consciência e sentidos comuns. Então tem início uma conversação em que o conhecimento divino se revela à alma.

O encontro com o sábio divino – símbolo da conquista da compreensão superior – reaparece muitas vezes nos escritos de Sohrevardî. Este símbolo encontra-se nos escritos herméticos, naquele que registra, por exemplo, o encontro entre Hermes e Pimandro:

Um dia, estando eu refletindo sobre as coisas essenciais e tendo o meu coração se exaltado, aconteceu que os meus sentidos corporais adormeceram completamente, assim como ocorre com alguém que se vê vencido por profundo sono, após lauta refeição ou por motivo de grande cansaço. E me pareceu como se visse um impressionante ser, de contornos indeterminados, chamar-me pelo meu nome e dizer-me: Que é que queres ouvir e ver e o que queres aprender e conhecer em teu Nous? – Perguntei: “Quem és?” E recebi como resposta: Sou Pimandro, o Nous, o Ser que é de

*Si mesmo. Sei o que desejas e estou contigo por toda parte. E eu disse: Desejo ser instruído a respeito das coisas essenciais, compreender a sua natureza e conhecer Deus. Oh! Quanto eu desejo compreender!*³

AI SE ENCONTRAM AS ALMAS HUMANAS

Os dez sábios que a alma encontra no deserto formam uma imagem pertencente às tradições filosóficas. Sohrevardî fundamenta-se em seguida sobre o ensinamento do filósofo árabe Ibn Sina (981-1037), conhecido como Avicena pelos latinos. As teorias de Aristóteles e também as de Platão e dos neoplatônicos são as mais conhecidas, mas com Ibn Sina e Sohrevardî há uma demarcação entre a filosofia dos peripatéticos (discípulos de Aristóteles) e a filosofia da iluminação. Sohrevardî continua a obra de Avicena, embora pense que este não encontrou a fonte da verdadeira sabedoria.

Os dois tomam como estabelecida a idéia de um ser supremo, do qual provém uma hierarquia de dez emanções, as “inteligências” comparáveis aos dez sefirot da Cabala. Cada uma dessas inteligências cria uma esfera celeste e uma alma que move essa esfera. A décima inteligência, a mais inferior da hierarquia, não cria uma esfera particular, porém uma plenitude. São as almas humanas.

Todas as inteligências são luzes imateriais divinas. Da primeira inteligência procede o ser, o mundo manifestado, sobre o qual irradia a Primeira Luz: em seguida, as inteligências multiplicam-se pela multiplicação das emanções; e quanto mais descem na hierarquia, mais se enfraquecem, escreve Sohrevardî.

Ibn Sina não fornece qualquer imagem mental do drama cósmico da queda que causa o aprisionamento do homem e de sua alma de luz no mundo inferior. As trevas estão incluídas na primeira inteligência, em estado latente, e tornam-se mais e mais espessas quando se desce na hierarquia das inteligências. Na décima inteligência, as trevas são tão profundas que daí emana o mundo material escuro.

Sohravadî ilustra este fato por meio de símbolos. O sábio do deserto instrui a alma:

Tudo o que desce nas quatro partes do mundo inferior provém das “asas de Gabriel”. – Como compreendê-lo?, disse eu. – Sabe que o Deus supremo dispõe de um certo número de palavras maiores provenientes do resplandecer de sua augusta face. Essas palavras formam uma ordem hierárquica. A primeira Luz emanada é a Palavra suprema, pois nenhuma outra palavra lhe é superior [...] A última de suas palavras é Gabriel, de onde saem as almas humanas [...] Sabe que Gabriel tem duas asas. Uma, a da direita, é pura luz. Esta asa, em sua totalidade, faz a ligação entre Gabriel e Deus. E há a asa da esquerda, tenebrosa em parte, como uma mancha sobre a face da Lua [...] O mundo do erro é o reflexo e a sombra da asa esquerda de Gabriel, enquanto que as almas de luz provêm de sua asa direita.

Sohravadî continua. Ele liga sua filosofia às considerações gnósticas de seu tempo. O drama da queda é, para ele, de uma importância capital. Por isso, em outra narrativa, refere-se à Canção da Pérola de Mani e descreve a queda como o Exílio Ocidental, de onde a alma deve regressar. O herói desta narrativa viaja com seus irmãos para caçar no país do oeste. Eles *caem em uma cidade cujos habi-*

tantes são opressores (citação do Alcorão). Lá são acorrentados com cadeias de ferro, jogados e aprisionados em um poço de uma escuridão e profundidade infinitas.

Aqui Sohravadî faz alusão aos mundos da Luz e das trevas, radicalmente separados um do outro, e sobre a necessidade de libertar-se das trevas:

O Poder do mundo superior é indestrutível, pois ele não participa da natureza submissa ao “não-ser”. Não há libertação para aqueles cuja mais alta aspiração não é o mundo divino e cujo pensamento não está voltado em primeiro lugar para o mundo da Luz [...] Sabe que existem três mundos:

- 1. Um mundo que os filósofos denominam “mundo da inteligência”. A inteligência, em sua terminologia, designa uma substância que não pode ser percebida materialmente e que não dispõe de um corpo;*
- 2. Um mundo chamado mundo da alma. Embora a alma não seja corpórea, nem associada a um lugar particular, ela age no mundo dos corpos. As almas se repartem entre aquelas que agem nos domínios celestes e aquelas que estão nos corpos humanos;*
- 3. Um mundo do corpo em duas partes: o mundo etérico sutil e o mundo material dos elementos.*

O primeiro mundo é espiritual, ele é a razão de todas as manifestações. Entre o mundo espiritual e o corporal encontra-se a pátria original da alma que, na qualidade de *alma falante* não é prisioneira do mundo dos corpos, mas antes o governa.

UMA RELAÇÃO TEMPORÁRIA

A alma divina original é imortal e

unida ao Espírito de Deus.

Sabe que a alma não cessa de existir, que ela não ocupa lugar algum e não tem adversários. Seu princípio é eterno e, assim, ela mesma é eterna. Entre ela e o corpo existe apenas uma relação temporária nascida do desejo. Quando da ruptura desta relação, a essência da alma não se dissolve.

Em seu estado original, para onde deve regressar, ela é isenta dos desejos do corpo:

É possível que o agradável e o desagradável atinjam um ser sem nele provocar alegria nem sofrimento. Como se, por exemplo, fosse tomado por um ataque de apoplexia ou penetrado por uma enorme ebriedade, ele não os sentirá mais do que se recebesse golpes violentos ou experimentasse a felicidade na presença da pessoa amada. Por isso, a alma que não mais se ocupa do corpo não sofre mais dos vícios e das ignomínias, como também não sente prazer nas virtudes que encontra na narcose engendrada pela natureza.

A forma pela qual Sohrevardî descreve a libertação da alma é gnóstica e reconhece-se nela idéias maniqueístas. Ele sempre fala da vitória a se obter sobre o mundo das oposições, vitória possível pela orientação para a Luz e o desejo da Luz.

E o que pensais dessas pessoas de nobre aparência, dotadas de uma forma eterna e de um corpo temporário, que estão certas que o seu ser não se perderá na corrupção, pois elas se distanciaram do mundo das oposições? Elas não se inquietam, pois jamais se separaram da radiação da Luz suprema, nem da ajuda e do testemunho da graça sutil de Deus, para as quais seu desejo se volta de modo indefectível. Deveriam elas cessar de existir?



As almas falantes pertencem à substância do reino das almas e são retidas pelas forças corpóreas do mundo. Quando a alma é forte, graças às suas virtudes espirituais, e o poderio das formas corpóreas se enfraquece – porque quanto menos vós as alimentais, mais tendes o poder de estar vigilantes – habitualmente a alma adquire acesso ao mundo divino. Ela se eleva para perto de seu Pai e recebe sua Força, de tal modo que pode se unir às almas das esferas que conhecem os fundamentos e razões de sua existência. De seu Pai ela recebe, no estado de sono ou em vigília, as verdades divinas, como um espelho reflete as imagens do objeto à sua frente.

Porém Sohrevardî adverte repetidamente, para não confundir as visões e revelações espirituais com as percepções dos sentidos terrenos.

Como não existe uma relação entre as faculdades sensoriais e a alma – porque as percepções da alma são mais amplas e perfeitas que as percepções sensoriais – também as luzes de Deus e dos santos não têm nenhuma

A árvore da vida, afresco da tumba de Panehsy, Tebas, séculos XIV-XVI a.C.



relação com as faculdades sensoriais, nem a alegria divina com a sensorial. [...] Às almas, quando saem das trevas dos corpos, quando entram no brilho do mundo espiritual e brilham sobre as ameias do reino das almas, é revelado o que de modo nenhum é parecido com as revelações das coisas corpóreas pela luz do sol.

O CAMINHO DA ILUMINAÇÃO INTERIOR

O que é único no ensinamento de Sohrevardî é seu conceito de iluminação ao nascer do sol, no oriente, *ishrâq*. Atingir o *oriente espiritual* significa o acesso a uma nova realidade. Esta noção simbólica do oriente deu seu nome à escola de Sohrevardî. Esta é uma antiga imagem gnóstica, importante, por exemplo, na gnosia de Valentino e na Pistis Sophia. Fala-se dos lados direito e esquerdo, que indicam, respectivamente, o oriente e o ocidente, a Luz e as trevas, o Espírito e a matéria. Entre estes dois encontra-se a alma, que deve escolher um dos dois lados.

Sohrevardî une, com inspiração, a iluminação oriental à sabedoria ori-

ginal da Pérsia, que é, para ele, uma realidade vivente. O resplandecer da “felicidade da Luz da Glória”, *Xvarnah*, que, segundo alguns, possuíam os antigos reis da Pérsia, é a luz divina que irradia da alma-espírito. Sohrevardî testemunha que toda alma preenchida de desejo pode ascender a essa luz.

Quando abandonamos todas as preocupações e ocupações da vida corpórea e experimentamos o esplendor da Verdade divina, a felicidade da “Luz da Glória” é a Luz que aflui à alma como o relâmpago – essa luz da aurora que se eleva no oriente – então percebemos a Luz e executamos nossa missão [...] Àquele que possui esta sabedoria, que reverencia e louva constantemente a Luz das Luzes, como o temos escrito, é-lhe dado um “Resplandecer real” e enviada a “Luz da Glória”. Um raio divino o envolve em uma veste plena de dignidade e de esplendor. Ele se torna mestre da natureza. A ajuda do mundo superior lhe é concedida e sua fala é ouvida no mundo celestial. Suas percepções e inspirações tornam-se perfeitas.

Segundo Sohrevardî, a alma decaída é liberta pela iluminação unicamente quando segue o caminho da preparação e da iniciação pelos Sábios do deserto. No entanto, ele pouco diz sobre este processo. Para ele, o encontro e a conversa entre a alma e um dos dez Sábios é uma experiência interior, que sua alma realizou em consequência de sua orientação voltada para a Luz. O sábio é, para ele, uma forma celeste que aparece em todas as religiões e doutrinas de sabedoria. São as dez inteligências, as emanações dos filósofos, que aparecem sob a forma de

anjos em teorias similares. No hermetismo, tem-se Pimandro ou o Pai, no cristianismo, o Espírito Santo ou Paracleto e, na gnose árabe, o arcanjo Gabriel.

A iniciação pelo Sábio simboliza, ao mesmo tempo, o encontro pessoal da alma com a sua forma celeste e sua submissão à atividade do Pai de todas as almas humanas.

Pois cada alma tem um Amado no mundo superior, isto é, uma luz vitoriosa e abençoada que é a causa de seu ser, que o alimenta com a sua Luz e é o intermediário entre ela e o primeiro Ser supremo. Por esta Luz ela contempla sua glória e recebe suas bênçãos... O criador do homem, o autor de nossas almas, aquele que as aperfeiçoa na perfeição do conhecimento e da ação, é uno com todos os poderes da Luz. Os filósofos o denominam a inteligência ativa.

Esta forma celeste é, do ponto de vista microcósmico e macrocósmico, diretamente acessível à alma desperta. Ela anuncia à humanidade o mundo divino. O bater das asas de Gabriel prepara e guia a criação humana. Da asa direita de Gabriel, que é pura luz, emana a força salvadora em direção às almas humanas. *Porque a revelação disso foi transmitida aos profetas, mas a explicação mais profunda e a interpretação, à mais elevada aparição divina, ao Paracleto, como anunciado por Cristo: Vou para meu Pai e vosso Pai, e Ele vos enviará o consolador, para que vos revele o sentido oculto. Disse ainda Cristo: “Mas o consolador, o Espírito Santo que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo!”*⁴

A mensagem de salvação de todas as religiões e de todas as sabedorias acessíveis ao mundo árabe no século

XII é revelada por Sohrevardî, graças à experiência concreta e à viva compreensão que ele possuía disso, a exemplo dos gnósticos. Esta visão e compreensão desvendam-se interiormente por uma orientação incessante ao oriente da Luz das Luzes.

1 Adaptação das citações de Sohrevardî por Henri Corbin, *L'archange empourpré*, Fayard, 1976.

2 “Não-ser” assume aqui um sentido contrário a esta noção como empregada, por exemplo, na Gnosis Chinesa, capítulo I, e representa aquilo que é terrestre.

3 Rijckenborgh, J. v., *A archignosis egípcia*, v.1, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1a. edição, 1984.

4 João, 14:16 e 26; 15:26; 20:17.

A VIA SECRETA PARA O INTERIOR

O poeta Novalis e o hermetismo.

*Sonhamos em viajar através do universo.
Pois o universo não está em nós?
As profundezas de nosso espírito
nos são desconhecidas.*

*A via secreta conduz ao interior.
Em nós, e em nenhum outro lugar,
está a eternidade com seus mundos,
o passado e o futuro.¹*

Friedrich von Hardenberg (1772-1801), mais conhecido sob o nome de Novalis, foi um dos incomparáveis representantes do Romantismo alemão. Proveniente do pré-romantismo da escola de Iena, esta corrente de pensamento, espiritual e social, surgiu no fim do século XVIII e exerce, ainda nos dias atuais, uma importante influência cultural. A *Flor Azul*, freqüentemente evocada, é o seu símbolo. É preciso saber que essa flor é emprestada do simbolismo alquímico, e que a vida e a obra de Novalis foram profundamente inspiradas pela sabedoria hermética.

Quem foi esse personagem enigmático que, como jurista, administrador, pesquisador científico e engenheiro de minas, fez uma brilhante carreira como funcionário público, e ainda provocou uma revolução em muitas mentes e corações de sua época? Essa revolução tinha por objetivo "tornar poético" até suas raízes o homem e o seu mundo. Ela foi um reflexo claro da utopia da idade de ouro.

"PARA ONDE VAMOS ENTÃO?
SEMPRE PARA CASA."

Hans Ritter, especialista em Novalis, escreve: Se existe alguém de quem se poderia dizer que ele é *um espírito de um outro plano encarnado na terra por um curto período, esse alguém seria Novalis. Ele reagia com entusiasmo a tudo o que se apresentava. Ele irradiava ao seu redor brilho e encanto. Mas somente com dificuldade reprimia seu anseio por sua pátria eterna. Ele foi um autêntico romântico, não um desses românticos exaltados e confusos. Era um intrépido cavaleiro e um corajoso esgrimista; era também um aguçado lutador espiritual... Ele vivia em um mundo de imagens originais. Ele representa o arquétipo do homem para os dias de hoje e para o futuro. Virá o tempo em que a sua estrela brilhará no firmamento.*²

Que mensagem Hardenberg-Novalis traz para os homens que atualmente aspiram à liberdade interior e procuram o reino divino?

O herói do romance *Heinrich von Ofterdingen* segue a via hermética que todo pesquisador espera um dia encontrar. No princípio, ele é impulsionado pela vaga intuição de que existe um mundo superior, um mundo divino. Ele se submete às leis da natureza e realiza a experiência do amor antes de ascender à consciência da ligação direta e indissolúvel que o une a Deus. O poeta Heinrich recebe, por essa ligação, a força divina criadora, a "palavra criadora". Novalis considera esse resultado como a vocação dos artistas inspira-



dos pelo Romantismo.

Novalis encontrou uma fonte de inspiração em Jacob Boehme, perceptível sobretudo no romance *Heinrich von Ofterdingen*. Ferdinand van Ingen escreve sobre as imagens relativas à Criação que Boehme utiliza: *Na concepção de Boehme a palavra criadora "Fiat" ocupa um lugar central [...] A idéia revolucionária de Boehme é que o homem, recebendo o Espírito, o alento da vida, possui o poder, em princípio, de pronunciar o Nome de Deus e de insuflar a vida pela mesma força criadora do Nome.*

A consciência de Novalis traz a

marca de outros místicos e de outros gnósticos. Na Universidade de Iena, Novalis entrou em contato com o ensinamento radical de J. G. Fichte, filósofo tão célebre quanto controverso, que se apoiava, entretanto, sobre teses gnósticas. Da mesma forma, *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, de Johann Valentin Andreæ, está entre as suas fontes de inspiração. Estudos recentes mostraram a semelhança existente entre *As núpcias alquímicas de CRC* e a sua obra: *Heinrich von Ofterdingen*. Novalis leu *As núpcias alquímicas* em 1798 e se inclinou,

A Flor Azul, símbolo da transformação. Ilustração Pentagrama.

O romance inacabado Heinrich von Ofterdingen é uma das maiores obras de Novalis. Trata-se da história de um jovem, Heinrich, que se torna poeta. Ela se passa durante as cruzadas medievais, num tempo de alienação poética. O jovem Heinrich está fascinado pelo relato de um estranho viajante que faz alusão a uma maravilhosa flor azul. Em sonho, ele encontra essa flor, e vê no meio de seu cálice "um tênue rosto".

Rebelde e fogoso, Heinrich aproveita a ocasião de ir com a sua mãe e alguns mercadores a Augsburg, onde habita seu avô. No caminho, o jovem sem experiência escuta seus companheiros falarem da vida comercial e social do mundo. Durante uma parada num castelo, ouve relatos de cavalaria e de cruzadas. Em sua imaginação, uma dama oriental o leva para sua longínqua e suntuosa residência. Na continuação da viagem, ele encontra um velho mineiro e um misterioso eremita que o iniciam na arte poética.

Em Augsburg, ele conhece o poeta Klingsor e sua filha Mathilde. Ele logo a reconhece como a face que estava incrustada na flor azul. Heinrich e a jovem apaixonam-se um pelo outro. Mas rapidamente a felicidade é ameaçada por um novo augúrio anunciando a morte de Mathilde.

Só conhecemos o restante da narrativa por esboços. Após a morte de Mathilde, Heinrich empunha seu bastão de peregrino e deixa Augsburg; vai a um eremita que lhe ensina a linguagem da natureza e lhe fala da vindoura idade de ouro. Em suas notas, Novalis refere-se a uma "poetização" do gênero humano. Ele descreve como Heinrich ascende ao mundo divino. Ele e Mathilde passarão por transformações antes de serem novamente unidos para as núpcias alquímicas.

Heinrich von Ofterdingen segue a via hermética que todo pesquisador espera um dia encontrar. No princípio, ele é impulsionado pela vaga intuição de que existe um mundo superior, um mundo divino. Ele se submete às leis da natureza e experimenta o amor, antes de ascender à consciência da ligação direta e indissolúvel que o une a Deus. O poeta Heinrich recebe, por esta ligação, a força divina criadora, a "palavra criadora". Novalis considera este resultado como a missão específica dos artistas inspirados pelo Romantismo.

com atenção, sobre a estrutura séptupla da narração, em relação às sete fases do *Opus Magnum*. Andreae interrompe voluntariamente seu texto na sétima etapa. Esse estado de "inacabado" do sétimo nível de um processo é um método retórico essencial em Novalis.

Em Andreae, ele também encontrou uma forma de utilizar o vocabulário alquímico para descrever o que se passa interiormente durante um tal processo. Novalis surge como um artista que trabalha na linha dos alquimistas e hermetistas.

Para se preparar para as suas novas funções como administrador das salinas do Eleitor da Turíngia, ele empreendeu, em 1797, estudos de exploração de minas e de química. Paralelamente, sua pesquisa pessoal o fez mergulhar na história da alquimia, considerada, então, como uma ciência pertencente ao passado. O que procuravam os antigos alquimistas? Eles tinham por objetivo fabricar o "ouro", também chamado "rei". Em um alambique, eles submetiam diferentes substâncias a processos de fusão e liga para obter o elixir da vida e realizar a Pedra dos Sábios. Um poema intitulado "Conhece-te a ti mesmo", escrito por Novalis em 1798, termina assim:

*Bem-aventurado aquele que se tornou sábio
que já não especula sobre o mundo e busca em si mesmo a Pedra da Sabedoria eterna.
Somente o sábio é digno de ser adepto –
ele transmuta tudo em vida e ouro, sem precisar de elixires.
A retorta sagrada nele exala – o rei presente nele está –
Délfos também;
e finalmente ele compreende:
"Conhece-te a ti mesmo".*

O homem sábio (isto é, que sabe) tornou-se, ele mesmo, a retorta

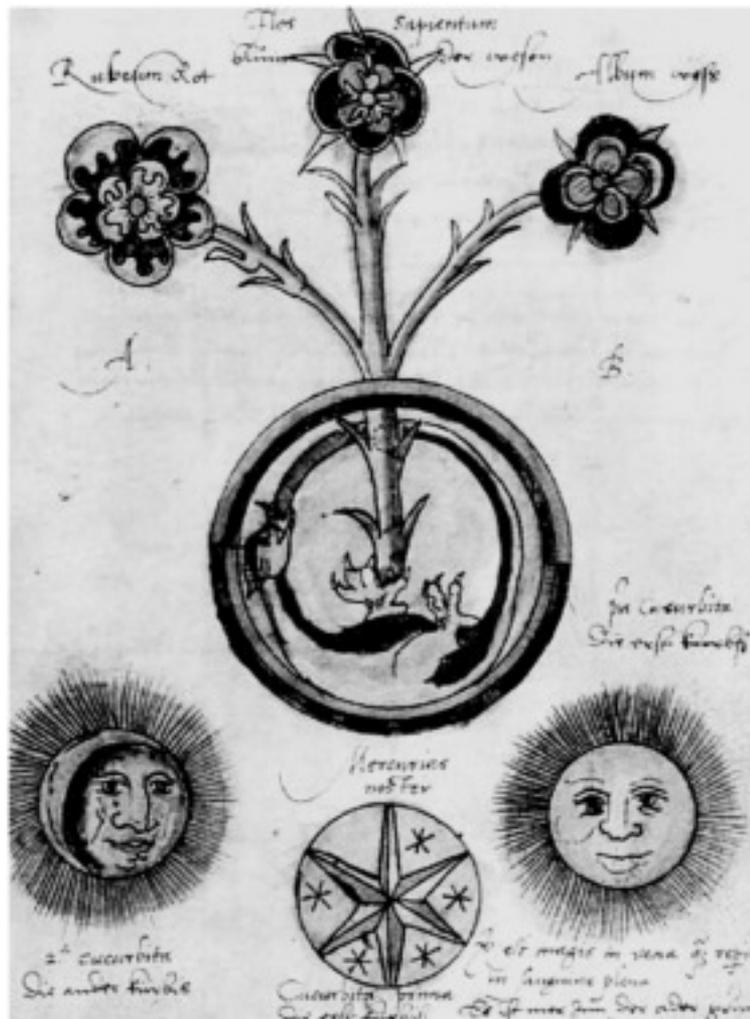
alquímica. Novalis mostra que os processos alquímicos são estágios do autoconhecimento, processos de depuração e purificação no interior da alma.⁴

"O MICROCOSMO É PARA O HOMEM O QUE HÁ DE MAIS SUBLIME"

O verso *A via secreta conduz ao interior* da poesia inicial deste artigo é considerado por certos especialistas como uma profissão de fé de Novalis, como uma declaração da sua primeira e tão importante descoberta. E o poeta confirma isso, dizendo: *A idéia do microcosmo é, para o homem, a mais sublime*. O ensinamento do microcosmo e do macrocosmo é, para ele, *a base incontestável de seu pensamento* e foi sobre ela que o poeta estabeleceu sua concepção do homem e do conhecimento científico. Como o macrocosmo e o microcosmo, o superior e o inferior, estão intimamente ligados, o homem é capaz de reconhecer o mundo, pois o semelhante somente reconhece o semelhante. *O olho nada vê como olho; o órgão do pensamento nada pensa como órgão do pensamento ou como o elemento apropriado*. Aqui Novalis usa o paradoxo para formular seu pensamento.

Para Novalis, a transmutação alquímica consiste na transformação do próprio homem. *Somos filhos de Deus, sementes divinas. Um dia, seremos o que nosso Pai é*. Esta tendência reside em nós enquanto seres microcósmicos. Ele também fala do *Ato de se superar*, porém sabe que tal ascensão é gradual e somente realiza-se progressivamente, de forma análoga ao processo alquímico de sete fases.

Será que sempre se trata apenas do aperfeiçoamento do homem? E a natureza em tudo isto? Deve o homem se desinteressar por ela? De modo algum, porque, segundo



Novalis, o homem é responsável pelo destino da natureza. O homem e a natureza se apresentam ambos como um núcleo e o seu envoltório. O homem é *a unidade em relação à natureza*, o ponto de convergência de todas as irradiações, o foco microcósmico do universo. E, ao mesmo tempo, ele salvará a natureza, divinizando-a. *O homem é o Messias da natureza*. Esta concepção provém da doutrina alquímica da *Summa Perfectionis*, de Gerber, um tratado alquímico fundamental, que Novalis leu em 1798. Lá encontram-se as seguintes considerações: *A substância dos corpos perfeitos e dos corpos imperfeitos – dos metais, por exemplo – era originalmente a*

No meio, a flor azul simboliza a sabedoria (*flos sapientum*), que se origina do ovo hermético com o Ouroboro. Hieronymus Reussner, *Pandora*, 1582.

Citação do Engenheiro Hardenberg, que como poeta se chamou Novalis: "O verdadeiro poeta compreende a natureza melhor do que o cientista."



mesma. A imperfeição dos corpos é uma propriedade secundária e subordinada, criada por uma deterioração cósmica, que transformou a matéria desses corpos, que se corromperam. Uma alquimia curativa fornece aos metais imperfeitos aquilo de que eles carecem e retira aquilo que lhes é supérfluo.

Assim, o alquimista se esforça pela redenção da matéria, da natureza, de seu estado de corrupção. Para isso não é preciso apenas trabalho, mas, no momento certo, o contrário: humildade e paciência. A Grande Obra, o *Opus Magnum*, se desenvolve e finaliza por si mesma. O alquimista apenas cria as condições favoráveis à "intervenção auxiliadora do alto". Novalis confirma a lei da ação indireta em vigor: *O trabalho necessário para levar a bom termo um processo não consiste, em geral, em mais que um impulso indireto preparatório. Em uma justa atmosfera, as coisas se fazem por si mesmas... Neste sentido, toda obra se realiza de modo indireto.*⁶ Não a elaboramos, tornamo-la possível.

A FLOR AZUL DO ROMANTISMO

Novalis escolhe a Flor Azul como o símbolo da transformação alquímica do mundo. Ela é mencionada no romance *Heinrich von Ofterdingen* e é, aos olhos dos especialistas, o símbolo por excelência do Romantismo; provavelmente emprestada do tratado alquímico *Pandora* (1582) de Hieronymus Reussner, no qual se encontra uma gravura representando três flores reunidas por uma haste comum, plantada no ovo hermético contendo o *Ouroboro*. A flor vermelha simboliza o ouro, a flor branca, a prata e a flor azul, a sabedoria (*flos sapientum*).

Foi Novalis realmente um alquimista que manipulava cadinhos e retortas? Com todo o respeito devido aos antigos, para o poeta Novalis, como para o cientista von Hardenberg, a transmutação do mundo é realizada pela palavra criadora da poesia, nova e eterna. Por ela se dissolvem as formas cris-

Novalis, pseudônimo de Friedrich von Hardenberg (1772-1801), descende de uma família da aristocracia antiga da Alemanha central, mas sem grande fortuna. Ele e seus irmãos foram educados pelo pai na pura tradição da fraternidade de Hermbuter. Por ser destinado a prestar serviço ao príncipe da Saxônia, foi admitido em 1790 na Universidade de Wittenberg para cursar direito. Tornou-se um honorável jurista; no entanto, seu espírito tinha sede de algo mais. Aprofundou-se nos estudos de filosofia, arte, história, ciências naturais e matemáticas, mas com tanto rigor que, embora apenas um estudante, tornou-se um privilegiado interlocutor de grandes eruditos. Já era entusiasta da obra e da pessoa de Friedrich Schiller, com quem tinha sido educado no colégio de Iena, e tinha estabelecido laços de profunda amizade. Na mesma época, preocupado com o seu projeto de fusão das ciências, iniciou a redação de uma enciclopédia intitulada: Conceito Universal. Não ambicionando as carreiras de professor nem de escritor, empreendeu, em 1794, uma formação para tornar-se funcionário na administração regional do Eleitorado da Saxônia-Turíngia. Encaminhado para as funções de administrador da exploração de minas de sal, entra, em 1797, para a Berg-akademie Freiberg/Sachsen. Lá, descortina-se para ele um novo mundo. Os professores, tendo estabelecido a reputação mundial da academia, iniciam-no nas técnicas de exploração de minas e no estudo da natureza. Ele consagra o pouco tempo que lhe resta à redação de sua obra poética e filosófica. A partir de 1798, adota o pseudônimo de Novalis, que significa "aquele que explora uma nova terra". Hardenberg termina seus estudos na academia e entra na administração das minas de sal. Porém, uma doença põe fim a seus dias, já no ano de 1801.

talizadas. Por poesia, Novalis compreende muito mais que a arte poética. Ela é um ato criador, praticado na vida cotidiana e que contribui para o desenvolvimento das sete fases do processo de transmutação. A alquimia poética dissolve (*solutio*) os entraves que sujeitam o homem e o mundo, ao mesmo tempo em que realiza a união (*coagulatio*) íntima do finito e do infinito. O geólogo e engenheiro de minas, von Hardenberg pensa que o poeta está mais apto a compreender a natureza do que o cientista.

Novalis representa o tipo de hermetista que, voltado para o mundo, via claramente que devia fazer o contrário. Ele sabia viver criativamente no paradoxo. Um paradoxo significa uma vida ativa no mundo e, ao mesmo tempo, vivenciar, no mais profundo interior, o anseio de sair deste mundo fundamentalmente estrangeiro à verdadeira pátria.

¹ NOVALIS, *Werke in 2 Bänden*, v.2, Colonha: Könemann, 1996, p. 103.

² RITTER, H., *Der unbekannte Novalis*, Göttingen: 1967, p.295.

³ INGEN, F.V., in: *Erkenntnis und Wissenschaft – Jacob Böhme (1575-1624)*, Görlitz: Oberlausitzische Gesellschaft d. Wissenschaft (Hg), 2001, p. 120.

⁴ RODER, F., Novalis, *Die Verwandlung des Menschen*, Stuttgart, 1992, p.383.

⁵ GAIER, U., *Krumme Regel – Novalis, Konstruktionslehre des schaffenden Geistes*, Tübingen, 1970, p.127.

⁶ NOVALIS, *Werke in 2 Bänden*, v.2, Colonha: Könemann, 1996, p.324.

A RADIOATIVIDADE: BÊNÇÃO OU PERIGO MORTAL?

Em sentido literal, a radioatividade é uma "radiação ativa". A palavra radiação provoca apreensão em muitas pessoas, pois, para elas, é sinônimo de perigo, sendo do domínio do invisível. Elas preferem não refletir demais sobre isso. Uma radiação, entretanto, pode também constituir algo bom.

Um número incontável de radiações está em atividade em nosso campo de existência. A primeira fonte da radioatividade, sem a qual nenhuma vida sobre a terra seria possível, é o sol, no centro do cosmo ao qual pertence nosso planeta. A radiação do sol não é constante; ela varia regularmente e sua influência é evidente sobre a terra: seu giro sobre o próprio eixo engendra a alternância dos dias e das noites. Ao mesmo tempo, a grande elipse que ela descreve em torno do sol causa a sucessão de invernos e de verões. Por meio desse movimento ao redor do sol, a terra (com sua lua) se aproxima e se distancia periodicamente dos outros planetas do sistema solar.

Esses movimentos provocam, também, flutuações nas atividades das radiações. Além disso, todo o sistema solar leva aproximadamente 26000 para atravessar a esfera zodiacal e precisa aparentemente de 12800 milhões de anos para efetuar sua revolução em torno do centro de nossa galáxia. Ela recebe, portanto, também a influência de outras radia-

A "Caixa de Pandora" é, na verdade, um vaso ou uma taça que encerra todos os tormentos e adversidades suscetíveis de se abaterem sobre a humanidade. Depois que Prometeu furtou o fogo dos deuses, Zeus quis puni-lo (isto é, punir a humanidade). Ele encarregou Hefestos de formar, com argila e água, uma mulher de divina beleza e de enviá-la sobre a terra. Mas Hermes, segundo o mito, depositou em seu coração a malignidade e sobre sua língua, a mentira. Quando Epimeteu, irmão de Prometeu, apesar de todas as advertências, acolheu Pandora, ela abriu o vaso, espalhando sobre a humanidade todos os males nele contidos. No fundo do vaso só permaneceu a esperança.

ções. Essas ordens de grandeza ultrapassam nosso entendimento.

A diversidade das radiações não pára aí. Nosso sistema solar faz parte de um conjunto de bilhões de sistemas solares que o submetem igualmente a suas radiações. A vida depende desses inumeráveis influxos provindos do universo ao qual pertencemos que desenvolveram formas de vida como as dos reinos naturais que conhecemos; mas há também as que escapam à observação científica.

O sistema nervoso humano é sensível às radiações (o olho é o melhor exemplo disso); a secreção hormonal



Primeira Conferência Solvay para o desenvolvimento da Física, Bruxelas, 1911. Presentes entre outros: Max Planck, Eva Curie, Lorentz, Rutherford, Kamerlingh Onnes e Einstein.

interna depende delas bem como a composição e o estado do sangue. As radiações obedecem a leis; elas possuem um ritmo e uma intensidade que lhes são próprios.

No decorrer dos últimos séculos, as pesquisas científicas sobre as radiações (com os perigos nos quais incorreram os pesquisadores) foram o objeto de aplicações experimentais. Mas, fazendo isto, eles abriram a lendária "Caixa de Pandora", pois se as radiações constituem a fonte da vida, elas podem preludiar o seu fim.

Os últimos dois séculos de pesquisas causaram mudanças consideráveis na atmosfera da terra, mudanças essas que já repercutem sobre as condições de vida. O pensamento materialista, isto é, o pensamento voltado para a matéria, nos faz perder de vista as conseqüências de nossos empreendimentos sobre os outros planos e nas esferas mais sutis. Desde a primeira máquina a vapor até o mais aperfeiçoado foguete espacial, a utilização de combustíveis fósseis certamente

conferiu ao homem um grande poder. Mas nem por isso os efeitos colaterais deixam de ser pequenos. A emissão de CO₂, por exemplo, ultrapassa em muito o que a terra,

O cientista austríaco Victor F. Hess (1883) descobriu radiações cósmicas e ganhou, por isso, em 1936, o preço Nobel de Física. Essas radiações provindas do espaço penetram na terra. Elas carregam a atmosfera de eletricidade possibilitando sua condutividade porque rompem as moléculas e ionizam os átomos. Essa carga se encontra sobretudo nas camadas superiores da atmosfera e contribui com a circulação da eletricidade em torno do planeta. As partículas que alcançam a terra, à razão de uma por minuto em média, possuem uma energia que vai de 4 a 100 bilhões de volts. O conhecimento esotérico indica que também há uma radiação cósmica provinda do coração da terra, que as duas correntes se cortam formando uma cruz, o que fez Platão dizer: "a Alma do mundo é crucificada."

enquanto corpo natural, pode assimilar.

Fenômenos vibratórios (eletricidade, eletromagnetismo, radioatividade) são meios de ação mais sutis, porém muito poderosos. A descoberta de partículas carregadas permitiu toda espécie de aplicações da eletricidade. Em nossos dias, tenta-se ampliar a utilização da eletricidade, do eletromagnetismo, da radioatividade em todos os setores da vida: armamento, medicina, agricultura, criação animal, construção civil. Na assim chamada sociedade moderna não existe nenhum aspecto da vida cotidiana que não seja dependente disso, o que não transcorre sem graves conseqüências que colocam o homem diante de escolhas difíceis.

É preciso considerar toda mudança artificial das condições de radiação de nosso campo de existência como desastrosa para a humanidade [...] Uma tal desnaturação entrega a humanidade a uma morte ainda mais terrível, a saber, a morte por degenerescência psíquica que ameaça o mundo todo sem exceção. Eis o que escreviam, já em 1964, J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri diante dos rápidos progressos da Física Atômica.

O *Sunday Times* de 13 de março de 2003 informou o seguinte:

A RELAÇÃO ENTRE O GSM [Global System for Mobile Communication] E O TUMOR DO CÉREBRO PARECE TER SIDO ESTABELECIDO.

Os pesquisadores suecos descobriram que o risco de tumor cerebral aumentou em 30% nos usuários regulares de um GSM, especialmente para os que ultrapassam uma hora por dia de conversação. O tumor aparece, em geral, no contorno da orelha onde o aparelho é segurado. Nos animais de laboratório foram constatados a modificação do funcionamento das células cerebrais, alterações de memória e o surgimento de cânceres. A pesquisa abrangeu, num período de dez anos, 1.600 pessoas atingidas por tumores cerebrais. O professor Kjell Mild, da universidade de Orebro, conduziu a pesquisa e declarou: "A prova de que existe uma ligação entre o uso do celular e o câncer é manifesta e convincente. Quanto mais seu uso é freqüente e duradouro, maior é o risco de tumor cerebral."

Mobile phone link to brain tumours found

Jonathan Leake
Science Editor

SCIENTISTS have found the first evidence of a link between regular use of digital mobile phones and brain tumours.

Researchers in Sweden discovered a 30% increased risk of brain tumours among regular users, typically those spending more than an hour a day on the phones.

Such tumours occurred most frequently on the side of the head to which the person held their phone. The biggest increase was seen in acoustic neuromas,

detected because they cause tingling and hearing loss. However, it still takes doctors an average of two years to make a diagnosis, and surgery, the usual treatment, can leave damaged nerves that lead to involuntary facial spasms.

Since 1980 the number of acoustic neuromas diagnosed in Britain has risen from one in every 100,000 of the population to one in 80,000 a year.

Dr Richard Sullivan, head of clinical programmes at Cancer Research UK, said the study was worrying. "It suggests a strong link between mobile phone use and brain tumours. We

Como foi dito anteriormente, são radiações naturais que regulam os órgãos de secreção interna. Radiações artificiais produzem uma secreção hormonal artificial com, como efeito colateral, uma alteração da personalidade acompanhada de comportamentos anormais. Os meios de comunicação atuais utilizam freqüências idênticas às do cérebro. Assombramo-nos de constatar o emprego das mesmas freqüências que as das ondas cerebrais alfa, beta

e delta nos DECT (Digital European Cordless Telecommunications) e nos UMTS (Universal Mobile Telecommunications System). Essas ondas afetam muito fortemente a atividade cerebral do homem, e essas perturbações acarretam um comportamento não natural.

A rede de utilizadores de celulares se torna cada vez mais densa e não há mais espaço que não seja percorrido por essas micro-ondas, as quais servem igualmente para elevar a temperatura das moléculas de água nos fornos micro-ondas. Que efeito pode ter essa malha cada vez mais fina sobre a atmosfera composta em grande parte de água? O de elevar a temperatura. O efeito estufa poderá certamente ter outras causas além de apenas a emissão de gás carbônico.

A radioatividade mantém a vida na terra, no cosmo e no macrocosmo. Devemos, entretanto, distinguir a radioatividade da natureza da morte daquela da natureza imortal que penetra a natureza mortal. Somente a radiação cósmica pode subtrair o homem e toda a criação às radiações imperfeitas da natureza comum. Há, pois, duas naturezas: a da vida mortal e a da vida imortal. Podemos dizer, portanto, que a alma humana é influenciada por duas espécies de radiações: a da natureza comum, com a qual ela está harmonizada, e a da natureza superior, que a eleva a um plano transcendente.

A era de Aquário intensifica o afluxo dessa radiação supranatural libertadora. Podemos perceber cada vez mais conscientemente sua força porque ela se exerce e se concentra na atmosfera. Em relação a isso, uma secreção hormonal interna e funções cerebrais em bom estado são fatores que preservam o homem da degenerescência psíquica e da morte. Defendendo-se das influências destruidoras, especialmente das radiações artificiais (experimentos



As sondas espaciais alemãs Helio I e II (371 kg) investigaram as radiações do espaço entre o sol e a terra, a uma distância de 43 milhões de quilômetros do sol, de 1974 até 1986.

Pode-se encontrar na Internet maiores informações e conselhos em relação aos perigos inerentes a toda espécie de radiação.

nucleares, por exemplo) e confiando-se à força cósmica, é possível criar condições favoráveis para trilhar o caminho libertador da alma.

Ao tomar consciência desses fatos, encontramos-nos diante de uma escolha difícil; afinal são justamente as radiações produzidas artificialmente que prevalecem em nossa sociedade. É, portanto, muito importante escolher sua linha de conduta conscientemente, sem temor, e aceitar as conseqüências. Não há inconveniente em imergir-se na radiação cósmica e examinar, sem precisar recorrer a uma autoridade exterior, o efeito que ela pode produzir sobre nossos pensamentos, nossos sentimentos e nossos atos, se ela é prejudicial ao desenvolvimento da alma ou, ao contrário, favorável ao seu crescimento. Uma escolha dessas faz nascer um intenso conflito interior, uma vez que é preciso ser capaz e, sobretudo, ter a coragem de reconhecer esses dois tipos de radiação, assim como seus efeitos.



TRANSFIGURAÇÃO

Catharose de Petri

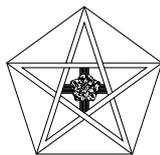
A transfiguração é um processo que consiste em substituir totalmente o homem mortal, produto da natureza, pelo homem divino, imortal, original, o verdadeiro homem espiritual, concebido no plano da criação divina. Este pequeno livro pretende ser para o leitor “uma lâmpada diante de seus pés que brilhe para todos”.



EDITORA
Rosacruz

64 pgs.
ISBN : 85-88950-08-1
Preço
R\$ **13,50**

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13.240-000 – Jarim – SP – Brasil
Tel (11) 4016.4234 – fax 4016.3405
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br



*EU não sou eu,
EU sou aquele
que caminha ao meu lado,
sem que eu o veja,
aquele a quem muitas vezes rogo conselhos,
e de quem geralmente também esqueço.
ELE, que silencia quando falo,
que, calmamente se retrai quando me enraiveço,
que está onde não estou,
que permanece quando feneço.*

("Ó meu coração, morre ou canta", p.15)